

Walquiria Marcelina de Almeida



# Memórias de Clementina:

narrativa autobiográfica e autoconhecimento em  
pesquisa de campo mediada pela internet



**AYA EDITORA**  
2023

Walquíria Marcelina de Almeida

# **Memórias de Clementina: narrativa autobiográfica e autoconhecimento em pesquisa de campo mediada pela internet**

Ponta Grossa  
2023

## **Direção Editorial**

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

## **Autora**

Prof.ª Ma. Walquíria Marcelina de Almeida

## **Capa**

AYA Editora©

## **Revisão**

A Autora

## **Executiva de Negócios**

Ana Lucia Ribeiro Soares

## **Produção Editorial**

AYA Editora©

## **Imagens de Capa**

Acervo da Autora

## **Área do Conhecimento**

Ciências Humanas

# **Conselho Editorial**

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva

*Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí*

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza

*Centro Universitário Santa Amélia*

Prof.ª Dr.ª Andréa Haddad Barbosa

*Universidade Estadual de Londrina*

Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz

*Faculdade Sagrada Família*

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos

*Instituto Federal do Amapá*

Prof.º Dr. Carlos López Noriega

*Universidade São Judas Tadeu e Lab. Biomecatrônica - Poli - USP*

Prof.º Dr. Clécio Danilo Dias da Silva

*Centro Universitário FACEX*

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria De Genaro Chirolí

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota

*Universidade Federal de Sergipe*

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis

*Universidade do Estado de Minas Gerais*

Prof.ª Ma. Denise Pereira

*Faculdade Sudoeste – FASU*

Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig

*Universidade Federal do Paraná*

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos

*Universidade Federal do Amapá*

Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva

*Universidade Estadual de Londrina*

Prof.º Dr. Gilberto Zammar

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, IF Baiano - Campus Valença*

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza

*Universidade Federal de Sergipe*

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso

*Universidade de Santa Cruz do Sul*

Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues

*Faculdade Sagrada Família*

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão

*Faculdade Santa Helena*

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior

*Universidade Federal de Roraima*

Prof.º Me. Jorge Soistak

*Faculdade Sagrada Família*

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra

*Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Ubajara*

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti

*Universidade Federal do Paraná*

Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim

*Faculdade Sagrada Família e Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais*

Prof.ª Ma. Lucimara Glap

*Faculdade Santana*

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho

*Universidade Federal Rural de Pernambuco*

**Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues**

*Universidade Norte do Paraná*

**Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa**

*Instituto de Tecnologia e Pesquisa, ITP*

**Prof.º Dr. Myller Augusto Santos Gomes**

*Universidade Estadual do Centro-Oeste*

**Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch**

*Faculdade Sagrada Família*

**Prof.º Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda**

*Universidade Estadual de Ponta Grossa*

**Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes**

*Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus  
Pauapebas*

**Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani**

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

**Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira**

*Instituto Federal do Acre*

**Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail**

*Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais*

**Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens**

*Faculdade Sagrada Família*

**Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares**

*Universidade Federal do Piauí*

**Prof.ª Dr.ª Silvia Aparecida Medeiros**

**Rodrigues**

*Faculdade Sagrada Família*

**Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia**

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

**Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda**

**Santos**

*Universidade Tecnológica Federal do Paraná*

**Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues**

*Instituto Federal de Santa Catarina*

© 2023 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pela autora para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição *Creative Commons* 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). As ilustrações e demais informações contidas neste Livro, bem como as opiniões nele emitidas são de inteira responsabilidade de sua autora e não representam necessariamente a opinião desta editora.

---

A447 Almeida, Walquíria Marcelina de

Memórias de Clementina: narrativa autobiográfica e autoconhecimento em pesquisa de campo mediada pela internet [recurso eletrônico]. / Walquíria Marcelina de Almeida. -- Ponta Grossa: Aya, 2023. 91 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-328-6

DOI: 10.47573/aya.5379.1.173

1. Teoria do autoconhecimento. 2. Autoconsciência. 3. Internet. 4. Pesquisa - Metodologia. I. Título

CDD: 158

---

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

---

## **International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora LTDA**

**AYA Editora©**

**CNPJ:** 36.140.631/0001-53

**Fone:** +55 42 3086-3131

**WhatsApp:** +55 42 99906-0630

**E-mail:** contato@ayaeditora.com.br

**Site:** <https://ayaeditora.com.br>

**Endereço:** Rua João Rabello Coutinho, 557  
Ponta Grossa - Paraná - Brasil  
84.071-150

# Agradecimentos

---

A todos que contribuíram com suas conversas, sorrisos, indicações, companhia, caronas na construção desta realidade.

Aquele que me fortaleceu em todos os momentos que guiando e conduzindo em cada passo dessa conquista: Deus.

Às amigas e professoras Camila Bastos, Katia Silva, pelo incentivo, confiança e paciência que mesmo diante de tantos afazeres, dedicaram parte de seu tempo para a realização de uma revisão desse texto.

Aos professores Analaura Corradi, Ivana Oliveira, Douglas Assumpção, Dr. José Guilherme e Lucilinda Teixeira, que contribuíram para o despertar de um novo olhar no mundo do conhecimento.

À minha orientadora, professora Dra. Rosângela Darwich, por acreditar em mim e me incentivar na pesquisa e na busca de conhecimento.

Ao programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia – PPGCLC UNAMA, por ter acolhido minha pesquisa, e à CAPES, por tê-la financiado.

Às minhas filhas, Alice Maria e Anna Vitoria, meus amores, que entenderam do jeitinho delas a minha ausência, os estresses.

A ela, Clementina Ramos Fritz, minha mãe, e em meio a muitas limitações sempre me incentivou, mesmo sem compreender a grandeza de um trabalho como esse para a minha vida profissional. Obrigada, Mãe! Inspirada nesta obra.

***Walquíria Marcelina de Almeida***

# Prefácio

---

É com grande satisfação que apresento a obra de Walquiria Marcelina de Almeida, *"Memórias de Clementina: narrativa autobiográfica e autoconhecimento em pesquisa de campo mediada pela internet"*. Este livro contribui para o autoconhecimento, explorando a interseção entre a narrativa autobiográfica e a tecnologia, a fim de elucidar a influência da interação social indireta nas habilidades socioemocionais.

A autora aborda a origem social do autoconhecimento e sua relevância para a tomada de decisões, proatividade e resiliência, contrastando com movimentos de esquiva que intensificam os problemas. Ela propõe a hipótese de que o acesso a leitura e escrita, aliados ao contato social indireto, potencialmente favorecem o autoconhecimento.

A pesquisa de campo envolveu doze participantes, de idades entre 26 a 57 anos, divididos em três subgrupos distintos. Com a ajuda de um vídeo postado no YouTube e dois roteiros de reflexão, os participantes foram incentivados a ler, refletir e responder perguntas baseadas nas memórias de Clementina Fritz, nascida em 1935, que descreveu suas experiências de infância e adolescência.

A análise dos dados feita pela autora, baseada nas respostas aos roteiros de reflexão, resultou na criação de nove categorias de análise para avaliar as habilidades socioemocionais. Estas foram classificadas como "positivas", "relativas" e "negativas", fornecendo um panorama abrangente e detalhado das respostas emocionais ao material apresentado.

Os resultados da pesquisa apontam para avanços significativos no autoconhecimento dos participantes, tanto através das respostas diretas no segundo roteiro de reflexão, quanto através da análise das habilidades socioemocionais baseadas nas respostas ao primeiro roteiro.

Observa-se uma predominância de autoavaliações positivas, o que valida o potencial dos instrumentos utilizados para o desenvolvimento das habilidades investigadas, e mais especificamente, do autoconhecimento. A pesquisa aponta que os procedimentos on-line podem potencializar a aproximação consciente de cada participante consigo próprio, independentemente da presença de queixa clínica.

Este conhecimento é extremamente útil para o delineamento de estudos futuros. Afinal, a busca por maior autoconhecimento é um esforço contínuo e sempre há espaço para refinamento e aperfeiçoamento. A autora aponta para a possibilidade de construção e o refinamento de repertórios básicos dos participantes por meio de atividades complementares de leitura e escrita.

Em resumo, esta obra oferece uma contribuição significativa para a compreensão de como as narrativas pessoais mediadas pela tecnologia podem ser usadas para auxiliar no desenvolvimento do autoconhecimento.

Este livro é mais do que uma investigação sobre a história de vida dos participantes e o momento presente. É também um convite à reflexão sobre como a tecnologia pode ser utilizada para facilitar o autoconhecimento e a resiliência. Convido nossos leitores a embarcar nesta jornada de descoberta e reflexão. Este livro é muito mais do que uma leitura: é uma experiência de aprendizado.

Boa leitura!

***Prof.º Adriano Mesquita Soares***

*Editor Chefe*



# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b> .....	<b>7</b>
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS E AUTOCONHECIMENTO: POSSÍVEIS INTER- RELAÇÕES</b> .....	<b>19</b>
<b>MEMÓRIAS DE CLEMENTINA: REFLEXÕES INICIAIS</b> .....	<b>27</b>
<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>37</b>
Tipo de pesquisa.....	37
Participantes .....	37
Materiais .....	39
Procedimento .....	39
Análise dos dados.....	39
<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>43</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>65</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>70</b>
<b>ANEXO</b> .....	<b>85</b>
<b>SOBRE A AUTORA</b> .....	<b>86</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>87</b>

# Apresentação

---

Este estudo de campo mediado pela internet objetiva investigar o desenvolvimento de autoconhecimento a partir do contato com uma narrativa autobiográfica e intervenções on-line favorecedoras de reflexão.

Consideramos a origem social do autoconhecimento e sua importância para a tomada de decisões, a proatividade e a resiliência, contrariamente a movimentos de esquiva que provocam agravamentos de problemas. Assim sendo, apresentamos o seguinte problema de pesquisa: a possibilidade de reflexão mediada pela internet e vivenciada a partir de contato social indireto gera efeitos positivos no autoconhecimento?

Daí derivamos a hipótese segundo a qual oportunidades de leitura e escrita favorecem o autoconhecimento. Associamos, assim, a noção de contato social indireto à presença de perguntas a serem lidas e respondidas por escrito, mas também ao fato de se assistir a um vídeo que reproduz a leitura de um diário acompanhada de imagens.

Doze participantes, na faixa etária de 26 a 57 anos, foram divididos igualmente em três subgrupos, um deles com estudantes universitários (GM), um com estudantes universitárias sem queixa clínica (GF) e outro com mulheres com queixa clínica (GC). O material interventivo foi encaminhado para cada participante, individualmente, por meio de links, pelo aplicativo WhatsApp.

Utilizamos um vídeo disponibilizado na plataforma YouTube pelo grupo de pesquisa e dois roteiros de reflexão elaborados em formulários Google, o primeiro com dezoito perguntas diretamente derivadas do vídeo e o segundo com duas perguntas acerca dos efeitos gerados pelo contato com o instrumento anterior.

O vídeo consiste na leitura de memórias escritas por Clementina Fritz, nascida em 1935, sobre experiências da infância e adolescência no município de Salinópolis. A narração é acompanhada por imagens do arquivo pessoal da autora, acrescidas por outras que também reproduzem as circunstâncias descritas.

A análise dos dados foi realizada com base nas respostas aos roteiros de reflexão, sendo que o segundo serviu como medida direta do efeito das intervenções realizadas por meio dos demais instrumentos. Foram criadas nove categorias de análise, correspondentes a habilidades socioemocionais, que, por sua vez, foram classificadas enquanto resultados “positivo”, “relativo” e “negativo”.

A investigação foi voltada à história de vida dos participantes e ao momento presente. Inicialmente foi realizada uma análise qualitativa das respostas de três representantes dos subgrupos, todos na faixa etária de 30 anos. Assim foram criados os critérios de inclusão das respostas em cada categoria de análise e, além disso, como os resultados seriam classificados.

Em seguida, o total de participantes foi submetido ao mesmo processo de análise e, neste caso, de forma marcadamente quantitativa. Os resultados apontam para avanços no autoconhecimento dos participantes, tanto por meio das respostas diretas, no segundo roteiro de reflexão, quanto por meio da análise das habilidades socioemocionais com base nas respostas ao primeiro roteiro.

Verificamos uma predominância de autoavaliações positivas, o que valida o potencial dos instrumentos utilizados para o desenvolvimento das habilidades investigadas, das quais o autoconhecimento deriva. Concluímos que este estudo dá suporte à compreensão de procedimentos on-line que potencializam a aproximação consciente de cada participante consigo próprio, independentemente da presença de queixa clínica.

Tal conhecimento é útil para o delineamento de estudos futuros que busquem não apenas conhecer, mas também favorecer a construção e o refinamento de repertórios básicos dos participantes por meio de atividades complementares de leitura e escrita.

***Prof.<sup>a</sup> Ma. Walquíria Marcelina de Almeida***

# Introdução

É comum ao ser humano tentar entender o universo do qual participa e, portanto, também a si mesmo. O autoconhecimento é um produto social, já que deriva do domínio da linguagem e de trocas interpessoais que incitam a auto-observação. Precisamos das palavras para apreendermos o mundo e também das pessoas para nomearmos o que existe, inclusive em nosso interior. Como um primeiro passo, a criança pequena percebe inicialmente a forma como as pessoas reagem a ela, as opiniões que expressam sobre ela e o quanto voltam o olhar para ela por meio de perguntas acerca do que está fazendo, como está se sentindo ou o que está pensando. Com tal base, cada indivíduo organiza percepções do ambiente e, portanto, de si mesmo (ASSIS; AVANCI, 2004; SKINNER, 1957).

É neste sentido que, nas diversas relações sociais, o autoconhecimento é favorecido quando o indivíduo é solicitado a relatar o seu próprio comportamento ou as ocorrências às quais foi exposto. Por outro lado, os autorrelatos permitem que a comunidade entre em contato com eventos privados do indivíduo, aos quais apenas ele próprio tem acesso direto, como é o caso de pensamentos e sentimentos (SOUZA; ABREU-RODRIGUES, 2007; SKINNER, 1993).

O autoconhecimento está diretamente relacionado a outras habilidades humanas. Assis e Avanci (2004, p. 29) utilizam termos como “self, ego, si-mesmo, eu-mesmo, autoimagem, autoconceito, autoestima, autopercepção, autovalorização, autoidentidade, autoconhecimento, autoconsciência, autoaceitação, autorrespeito, autovalor, autossentimento e autoavaliação”. Além disso, vale considerar que o autoconhecimento dá suporte para o desenvolvimento de proatividade e outras habilidades socioemocionais que dão sustentação à resiliência.

Mais especificamente, o contexto social desempenha um papel central para avaliações e também para a autoavaliação, já que permite o estabelecimento de comparações entre os indivíduos. Um passo adiante, considera-se que quando a autoavaliação é dirigida a aptidões, interesses, valores e crenças referentes a si

mesmo, tem-se o autoconceito, que se torna relativamente estável ao longo do tempo (CAMPBELL *et al.*, 1996; SUPER, 1963). O autoconceito corresponde à descrição do próprio comportamento, no sentido da “percepção que a pessoa tem sobre si mesma e que é resultante de sua interação com o ambiente” (ROCHA; INGBERMAN; BREUS, 2011, p. 89).

Conhecer-se no papel a ser desempenhado, quando acompanhado de autoconceito positivo, favorece o enfrentamento de dificuldades que pode resultar em crenças de autoeficácia, referentes à percepção de capacidades e habilidades próprias que dão sustentação e significado às ações. Assim, quanto mais positivas forem essas crenças, mais prováveis serão os movimentos de enfrentamento e a proatividade (BANDURA, 1992; TEIXEIRA; GOMES, 2005).

Para Skinner (1957), as palavras permitem a tomada de consciência, base para o autoconhecimento. Freire (1970, 2008) chama a atenção para o processo de conscientização enquanto um aprofundamento da tomada de consciência que depende de uma relação estreita com a prática, inserida em um contexto ação-reflexão-ação, como ocorre nos Círculos de Cultura. Freire (1991) indica que um Círculo é um grupo de trabalho e de debate “da linguagem no contexto de uma prática social livre e crítica. Liberdade e crítica que não podem se limitar às relações internas do grupo mas que necessariamente se apresentam na tomada de consciência que este realiza de sua situação social”.

Também segundo Freire (1991), portanto, as trocas sociais são um caminho para a construção de relações estreitas entre pensar, agir, conhecer e se autoconhecer. A conscientização implica o reconhecimento de que se é autor da própria história, base para a possibilidade de mudança de práticas e obtenção de objetivos pessoais e sociais mais amplos.

Complementarmente, Melo e Oliveira (2020, p. 6-7) voltam o foco para o estabelecimento de relações entre discurso narrativo na biografização de si e educação literária:

Ainda que indissociável da escolarização dos textos literários e do ensino formal de literatura, entendemos a educação literária como um processo ativo de apropriação de artefatos est(éticos) das culturas escritas, orais e imagéticas e configuração crítica de (inter)subjetividades próprias ao leitor e ao mundo social. Ultrapassa-se a formação escolar e os currículos institucionalizados para ampliar o espectro de experiências literárias e pedagógicas do sujeito.

Reunindo aprendizagem a hábitos de leitura e escrita, destacamos que um caminho para o autoconhecimento é o exercício da escrita de autorrelatos, como no caso de diários e memórias. Isso remete ao fato de o autoconhecimento ser historicamente ligado à introspecção. Segundo Marques (2012, p. 21), o autoconhecimento por introspecção “possui pelo menos três características: ter uma estrutura temporal dual baseada na memória, ser direto e possuir autoridade da primeira pessoa”. Um passo adiante, como o ser humano é produto de suas vivências, as quais se constituem enquanto trocas sociais, a memória individual e a coletiva se entrecruzam e se complementam, inclusive por meio da palavra escrita (BOSI, 2016; HALBWACHS, 2017).

Considerando que a autonarrativa escrita permite ao indivíduo realizar uma leitura de si próprio, vale repetir que “ninguém conta, ou ouve, uma história por si mesmo, ‘do zero’. Histórias remetem a outras histórias, já contadas ou que ainda serão, num entrelaçar infinito que fortalece os vínculos do leitor/narrador com seu tempo, sua história, sua cultura” (SERPA JÚNIOR. *et al.*, 2020).

Neste sentido amplo, o ato de escrever um diário implica a possibilidade de reunir experiência de vida, aprendizagem e autoanálise (SILVA, 2018). Segundo Barcellos (2004, p. 117) “o diário pode ser uma forma de expurgar culpas, pode ser um método terapêutico, pode ser, também [...] um relato subjetivo sobre um processo de escrita paralelo à escrita do próprio diário”.

De modo geral, o diário corresponde a uma escrita do presente, uma escrita transversal, de fragmentos. Por outro lado, diários, entre outras escritas de si, registram falas que também evocam memórias do passado. A observação da própria vida possibilita, ao autor, encontrar refúgio e conforto íntimo em meio à busca de reconhecimento de si e diante de uma realidade extremamente complexa que, portanto,

passa pelo filtro de sua subjetividade (HALBWACHS, 2017). Segundo Artières (1998, p. 32), “arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte”.

Silva (2015, p. 33-34) relaciona a escrita de si à necessidade “de fixar o passado e também apreender o futuro, necessidade de tomar distância em relação a si próprio, necessidade de arquivar a própria vida, de testemunhar, de se inventar e reinventar”. Lejeune (2008, p. 263) acrescenta que “fazer o balanço de hoje significa se preparar para agir amanhã”. Assim, o diário se apresenta como um elo de ligação entre passado, presente e futuro. Mais do que isso, o diário se torna também um instrumento de ação, para além de uma forma passiva ou contemplativa de vivências. Por meio dele podemos constatar alegrias e reformular preocupações, o que constitui uma fonte de apoio para o enfrentamento de momentos difíceis.

Os diários, enquanto textos autobiográficos escritos por pessoas comuns, são “lugares” em que indivíduo e fatos da vida interagem em forma documental (BENJAMIN, 1994; BLANCHOT, 2005; JOSSO, 2010; LEJEUNE, 2008; MARTINEZ, 2016). A partir de tal perspectiva, enquanto gênero discursivo, o estudo de diários vem ganhando destaque. De acordo com Silva (2010, p. 14),

Desde seu surgimento, o diário vem representando uma revolução metodológica no modo de se pensar a pesquisa e a formação, revolução instaurada pela mudança de paradigmas que se apresenta; neste sentido caminha ao valorizar o conhecimento experiencial, as vivências singulares dos sujeitos e também o conhecimento fundamentado pela “subjetividade explicitada”, na subjetividade que ao ser revelada torna-se instrumento de análise reflexiva.

Na medida em que diários podem ser ferramentas importantes para o autoconhecimento e, assim, para a superação de crises, podemos considerar que auxiliem no desenvolvimento de proatividade e resiliência. A relação entre autoconhecimento, autoconceito e autoestima dá suporte a tal perspectiva. Segundo Campbell e Lavallo (1993), por exemplo, pessoas com alta autoestima possuem visões positivas estáveis e bem articuladas de si próprias.

Proatividade é um movimento contrário à esquiva que, portanto, implica enfrentamento de desafios, para além do foco na realização de tarefas, e se faz

especialmente presente quando se identifica a ocorrência de resiliência. Esta corresponde à capacidade de vivenciar situações adversas, conseguir superá-las por meio de respostas positivas de adaptação e sair delas fortalecido (GARMEZY, 1993; MASTEN, 2018; RUTTER, 1993; SKINNER, 1993).

Pioneiros na área de estudos sobre resiliência são o psiquiatra Michael Rutter e as psicólogas Emmy Werner e Ruth Smith. A investigação inicial que realizaram buscava compreender o que favoreceria o desenvolvimento saudável de crianças e jovens que se encontravam em situação extremamente adversa. Em uma fase posterior, influências inter-relacionadas de fatores ambientais, familiares, comunitários e culturais passaram a ser foco de investigação da resiliência enquanto processo de adaptação positiva (ROZEMBERG *et al.*, 2013).

Os relatos sobre resiliência vêm fascinando as pessoas há milhares de anos, por meio de inúmeras histórias sobre indivíduos que triunfaram em situações de adversidade. Tanto na literatura grega, quanto na cristã existem histórias de indivíduos que suportaram adversidades consideráveis e as superaram (RUSSEL, 2015). Grande parte do que nos leva a amar um herói, um personagem de livro ou filme cuja conduta nos inspira, é a ação resiliente que o destaca. Mais que o final feliz, o que importa é o percurso – é a trajetória que revela e dá concretude à personalidade do indivíduo.

O tema permite uma aproximação com a literatura de testemunho, que vem sendo identificada com a narrativa de eventos traumáticos. Conforme Maciel (2016, p. 75), o testemunho é uma possibilidade “de apresentar relatos com um peso traumático e inarrável, levantando questões e dando voz às narrativas de minorias, de sobreviventes de holocaustos e de outras formas de genocídio, repressão e violação dos direitos humanos”.

Caracterizando a literatura de testemunho, Salgueiro (2012) identifica a presença frequente dos seguintes traços, para além da presença do trauma: registro em primeira pessoa, compromisso com a sinceridade do relato, desejo de justiça, vontade de resistência, abalo da hegemonia do valor estético sobre o valor ético, apresentação de um evento coletivo, vínculo estreito com a história, ainda que



diante da impossibilidade radical de reapresentação do vivido/sofrido, e presença de sentimentos como rancor, ressentimento e também vergonha pelas humilhações e pela animalização sofridas, que muitas vezes se transforma em sentimento de culpa por ter sobrevivido, ao contrário de uma grande maioria de vítimas do evento narrado.

Como vimos, existe uma relação direta entre vivência de eventos traumáticos e desenvolvimento de resiliência, que depende da aquisição de diferentes habilidades socioemocionais, as quais são desenvolvidas socialmente e das quais participa o autoconhecimento (CORCHS, 2011). Daí decorrem vantagens de interligações entre a escrita de diários e espaço de troca social. Pretendemos que os participantes deste estudo, a partir do contato com as memórias de Clementina Fritz, reflitam sobre suas próprias histórias, por escrito, e tenham favorecido o autoconhecimento, enquanto fator de resiliência. O conjunto de atividades pretende favorecer que os participantes se transportem para o desconhecido, decifrando sentimentos e pensamentos, acrescentando vida ao sabor da existência.

Enquanto autora deste estudo, vale acrescentar que o tema deste estudo, narrativas orais, esteve sempre na minha vida, pois tem um significado importante desde meus primeiros anos de vida, quando minha mãe contava histórias para eu dormir. Tomei gosto pelas narrativas pelo fato de despertarem em mim a escuta e a imaginação a partir da ação dos personagens e de tudo que traz em si um certo grau de significado e mistério. Assim, a partir de histórias clássicas infantis e, posteriormente, sociais, percebi que todos têm potencial para ser ouvinte e contador de histórias.

A partir daí e ávida pela aquisição de conhecimento científico, dei continuidade aos meus estudos, iniciados com o curso de pedagogia, com esta pesquisa que associa autoconhecimento a uma narrativa autobiográfica e intervenções on-line favorecedoras de reflexão, pois acredito que narrativas ajudem o ser humano a se situarem positivamente e em suas próprias histórias.

Ao longo da minha caminhada, meu objetivo foi sempre pontuar que a nossa memória é flexível e se tece na relação com os outros, podendo resistir a problemas e frustrações e avançar entre desejos e realizações. Assim sendo, este estudo

também teve efeitos positivos sobre mim. Os desafios que fizeram parte da minha jornada acadêmica foram válidos e me tornaram mais forte, mais resiliente, mais capaz de refletir sobre o poder do fluxo da comunicação narrativa enquanto lugar de conhecimento e de transformação do ser humano, nas relações que estabelece consigo próprio e com a cultura que o molda e por ele é influenciada.

Neste sentido, partimos de uma pergunta de pesquisa referente à possibilidade de reflexão mediada pela internet e vivenciada a partir de contato social indireto gerar efeitos positivos no autoconhecimento e, assim, de uma hipótese que responde afirmativamente tal pergunta: oportunidades de leitura e escrita favorecem o autoconhecimento. Contato social, portanto, não se resumiria a diálogos estabelecidos diretamente, o que valoriza intervenções mediadas pela internet em que material de leitura e visual são associados à oportunidade de reflexão e escrita.

Desta forma, objetivamos investigar o desenvolvimento de autoconhecimento a partir do contato com uma narrativa autobiográfica e intervenções on-line favorecedoras de reflexão. Para tanto, estabelecemos relações entre a história de vida de uma pessoa, com ocorrências que se deram na primeira metade do século XX, e as histórias de vida dos participantes deste estudo, quase um século depois.

Em linhas gerais, após esta seção introdutória, a segunda seção é dedicada à conceituação e a possíveis inter-relações entre narrativas autobiográficas e autoconhecimento, tecendo relações com o espaço referente à internet, no sentido de blogs que assumem a função de diários, enquanto a terceira apresenta o livreto de memórias que constitui o objeto de estudo e de onde partem reflexões acerca da memória e seus desdobramentos. A quarta seção é referente aos aspectos metodológicos desta pesquisa de campo, que utiliza interações mediadas pela internet como técnica de investigação quali-quantitativa, com suporte nos pressupostos da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). As seções seguintes são dedicadas aos resultados e discussão e as considerações finais.

# Narrativas autobiográficas e autoconhecimento: possíveis inter-relações

O diário é uma forma de guardar, por escrito, lembranças, sentimentos, emoções importantes para nós no momento em que os gravamos em nossa memória. Por isso, o diário é considerado como o registro da vida cotidiana. Segundo Lejeune (2008, p. 11),

o diário é um relato fracionado, escrito retrospectivamente, mas com um curto espectro de tempo entre o acontecido e o registro, em que um “eu”, com vida extratextual comprovada ou não, anota periodicamente, com o amparo das datas, um conteúdo muito variável, mas que singulariza e revela, por escolhas particulares, um eu-narrador sempre muito próximo dos factos.

As primeiras anotações diarísticas surgiram na Idade Média enquanto um gênero restrito, mas foi no final do século XV que o diário começou a adquirir o status de um gênero diferenciado de escrita, revelando a intimidade de quem escreve. Em um sentido mais amplo, os gêneros confessionais, nos quais se incluem os diários e as memórias, são tão antigos no universo literário quanto o desejo humano de preservar a sua existência ou escapar à morte.

Durante muito tempo essas narrativas escritas na primeira pessoa foram consideradas menores, estando, por conseguinte, excluídas do cânone literário. Por exemplo, eram consideradas como “rito de passagem” para os rapazes, que desenvolviam a prática de observação e reflexão em seus diários e foram, durante largos anos, desconhecidos do público em geral (MACIEL, 2014, p. 1).

A partir do século XVII, a prática de escrever diários foi amplamente promovida pelo puritanismo inglês e pelo pragmatismo alemão. Lima (2009, p. 30-31) ressalta, ainda, que

Os diários serviam tanto para as confissões e a autoanálise, como também como regulamentos e resoluções que aprofundavam os exames. As mulheres eram estimuladas a manter diários como parte do sacramento e penitência e os homens mantinham a vida registrada e ordenada. Os diários chegaram aos Estados Unidos pelas mãos dos primeiros protestantes, no século XVII. A tradição norte-americana dos diários espirituais tornou-se uma das mais antigas tradições literárias, situando-se como modelo central até o século XIX, junto com os diários de viagem.

Apenas no final do século XVIII e início do século XIX, o diário alcança seu pleno desenvolvimento como um tipo de escritura íntima e confessional, como uma forma de autobiografia (LIMA, 2009).

O reino do papel, como uma casa para a qual você é convidado, é um espaço protegido onde as leis do mundo exterior estão em suspensão: suas ações não têm as mesmas consequências e não são sancionadas da maneira que seriam em qualquer outro lugar

... Mas isso não significa que você possa fazer tudo o que quiser: o convidado deve respeitar seu anfitrião e obedecer às regras e costumes da casa. Não é uma terra sem lei (LEJEUNE, 2008, p. 333).

Frente a essa possibilidade de escrita não parece haver dúvida de que o século XX foi o das memórias, em que se assistiu a uma profusão de relatos na primeira pessoa, carregados de incertezas e de interrogações (MACIEL, 2014). Por outro lado, podemos dizer que manter um diário corresponde a uma certa noção de poder que cada indivíduo tem de administrar a si mesmo. O diário gravita entre a categoria de ficção e não ficção, sendo, por isso, uma prática de escrita e leitura, e sobretudo, um exercício de estar no mundo. Além do mais, o diário cria a ilusão de que o autor se desnuda, aproximando-se, portanto, do leitor e da verdade (OLIVEIRA; VOLPINI; LISBOA, 2017).

Em diários não há uma preocupação com o formato da escrita. O que importa é contar para permanecer e, portanto, o diário é uma garantia de continuidade (LEJEUNE, 2008). De acordo com Artières (1998, p. 10),

Dessas práticas de arquivamento do eu se destaca o que poderíamos chamar uma intenção autobiográfica. Em outras palavras, o caráter e o processo de objetivação e de sujeição que poderiam aparecer a princípio, cedem na verdade o lugar a um movimento de subjetivação. Escrever um diário, guardar papéis, assim como escrever uma autobiografia, são práticas que participam mais daquilo que Foucault chamava de preocupação com o eu.

Benjamin (1994, p. 201) refere-se ao diário como reflexão sobre o próprio processo de criação, marcado pela linguagem simples, mas original da pessoa que escreve, destacando o papel de trocas sociais na constituição do indivíduo. Assim, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou aquela relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

Em sentido semelhante, Josso (2010, p. 22) afirma que

O processo do caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural.

Blanchot (2005, p. 275) chama a atenção para o fato de que o “diário está ligado à estranha convicção de que podemos nos observar e que devemos nos conhecer”. E complementa: “escrever cada dia sob a garantia desse dia e para lembrá-lo a si mesmo é uma maneira cômoda de escapar ao silêncio, como ao que há de extremo na fala. Cada dia nos diz alguma coisa. Cada dia anotado é um dia preservado”.

Esse exercício de análise discursiva pode ser aprimorado por releituras. “Num diário íntimo, registramos apenas alguns acontecimentos, omitimos outros; às vezes, quando relemos nosso diário, acrescentamos coisas ou corrigimos aquela primeira versão” (ARTIÈRES, 1998, p. 10). Silva (2018, p. 13) argumenta, ainda, que “as escritas de si [...] são essenciais para entender uma sociedade e seu contexto histórico”. Faraco (2008) lança mão da metáfora bakhtiniana do espelho, segundo a qual, quando nos olhamos no espelho, nos vemos com olhos alheios, do mundo, o que enfatiza o impacto social sobre o indivíduo.

Assim, a perspectiva autobiográfica e o papel da escrita são parceiros atuantes de uma memória social e coletiva sob condições de registrar e analisar as histórias de vida de quem conta experiências.

A passagem para o século XXI traz consigo uma ampliação do alcance dos diários, que partem da esfera privada em direção à pública. De acordo com Ferreira (1998, p. 7),

Um outro aspecto importante para a análise dos diários é a discussão do seu caráter privado. Até o começo do século XX, os diários caracterizavam-se pelo seu caráter intimista e privado, e seu objetivo era recordar experiências, aliviar tensões, permitir o autoexame, relatar grandes acontecimentos, exaltar qualidades e valores, estimular o aprimoramento pessoal e demonstrar capacidade de autocontrole. Já neste século é muito comum escrever diários pensando em divulgá-los ou em publicá-los, o que indica sua maior interação com a esfera pública.

Um ponto crucial está diretamente relacionado à construção do eu e de narrativas autobiográficas no ciberespaço e, portanto, à publicização da intimidade. A velocidade com que a narrativa midiática contemporânea se altera e é atravessada por novas possibilidades de narrar, diante da convergência das mídias, acena para gêneros que se hibridizam (JENKINS, 2009).

Já no século passado, Lévy (1993, p. 7) constatava a elaboração de novos modos de pensar – e também de conviver – no que chamou de “mundo das telecomunicações e da informática”. Isso explicaria a perspectiva adotada por Assis e Melo (2018, p. 259), segundo a qual “a maneira como lemos e escrevemos hoje vem acompanhada de novas formas de ver e entender o mundo”.

Para Silva (2015, p. 33), “as narrativas digitais podem e devem ser pensadas a partir dos estudos de Paul Ricoeur [...], ou seja, como efeitos de sentido que descrevem e representam as ações, os sujeitos e os tempos e configuram a existência humana”. Segundo Santaella (2016, p. 32), “graças à digitalização e à compressão dos dados, todo e qualquer tipo de signo pode ser recebido, estocado, tratado e difundido, via computador”. Neste sentido, Recuero (2009) destaca a possibilidade de permanência de rastros sociais a partir da linguagem produzindo mensagem por meio de interações na internet em que passa a existir uma grande afinidade entre o texto e o leitor, já que este, ao ler, vai relembando, revivendo e refletindo sobre as suas próprias experiências.

De tal contexto destacamos a presença de blogs, que se assemelham a diários virtuais que extrapolam as esferas do privado e permitem comunicação imediata, teoricamente, com todo o planeta. *Blogs* (contração de “*web*” and “*logs*”, significando “registro na rede”) são sites que correspondem a espaços de reflexão, debate e colaboração a partir do compartilhamento de publicações (*posts*) por meio de texto, imagem, áudio, vídeo e *hiperlinks* (PAPASTERGIOU; GERODIMOS; ANTONIOU, 2011).

Quanto à expressão de subjetividades por meio da escrita de si, a presença de autodescrições nos blogs destaca a oportunidade de construção da identidade,

fundamentada na elaboração de descrições de características pessoais e visões de mundo mediante a possibilidade de trocas interpessoais (ASSIS; MELO, 2018). Assim, os *blogs* ao mesmo tempo estimulam e enriquecem a aprendizagem da escrita de si para além da questão de visibilidade que proporciona, inclusive em termos mercadológicos. Este aspecto, segundo Martino (2014, p. 146), não necessariamente funciona como principal motivador para o investimento pessoal na escrita de um *blog*: “embora exista sempre uma chance de um *blog* extremamente pessoal ou o perfil em uma rede se tornar um sucesso público, com milhões de acessos, uma boa parte dessas informações é pensada como parte das relações entre um grupo, não entre desconhecidos”.

Neste sentido, embora *blogs* possibilitem a expressão da opinião e de valores de quem os escreve, Komesu (2016, p. 355) reflete sobre a pressão que blogueiros sofrem de modo a manter uma alta frequência de postagens:

a necessidade (incessante) de falar qualquer coisa é modo de permanência dos sujeitos no campo da visibilidade na sociedade contemporânea. Essa necessidade de falar é radicalmente fundada na impossibilidade (histórica) de dizer (de pensar, de criticar) o novo na e pela linguagem dos sujeitos.

Skinner (1993, p. 51) destaca a importância das trocas sociais, especialmente daquelas que são verbais, para a constituição da subjetividade e, portanto, da identidade: “só quando o mundo privado de uma pessoa se torna importante para as demais é que se torna importante para ela própria”. Precisamos, portanto, do outro para aprendermos a nomear tudo o que existe, inclusive o que percebemos internamente, o que pensamos e sentimos.

De um universo de formas, cores e sons passamos às palavras e, com elas à consciência do universo circundante e de quem somos. A partir do domínio da linguagem, nos libertamos do momento presente, podendo, por exemplo, articular ideias sobre o passado e planos para o futuro. Segundo Bakhtin (2016, p. 261), “os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. Assim sendo,

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o

corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2003, p. 348).

Em outro sentido, porém complementar, Prado e Caldas (2015) introduz a noção de campo psicológico que, para o indivíduo, corresponde a “uma parte de sua entidade que penetra os elementos palpáveis de sua existência material e todo sentimento profundo que tiver atuará sobre ele” (p. 68), indicando a necessidade de se aprender a agir sobre tal campo “para se tornar senhor de si mesmo e criar seu próprio futuro” (p. 67).

Como produto, mas também construtor das relações sociais das quais participa, o ser humano está sempre decidindo sobre seu presente e o futuro, mas também da espécie e do planeta em um processo contínuo de experimentação, criação e expansão. Neste sentido, o ser humano é capaz de traçar diferentes caminhos, fazer e refazer rotas e construir ou desfazer objetos, e, diante de demandas externas e internas, identificar e superar obstáculos. A experiência humana sempre foi de embates, sejam eles materiais ou emocionais. Por conseguinte, luta-se contra o poder da natureza, assim como também contra o poder dos próprios pensamentos e sentimentos, o que tem um lado positivo, pois impede a permanência em uma zona de conforto. Problemas, portanto, podem ser a porta de saída na direção de novas metas e valores (ROBERTSON, 2019; SKINNER, 1993).

Nietzsche afirmou que “o que não me mata, me torna mais forte” (GRAMMONT, 2015, p. 93). Podemos realmente considerar que, nos períodos de maior dificuldade, plantamos excelentes sementes, como podemos perceber por meio de alguns exemplos de vidas de pessoas que enfrentaram desafios de diferentes ordens, em diferentes épocas e locais.

É o que ocorre com Anne Frank, Carolina de Jesus, Martin Luther King Jr, Stephen Hawking, Mandela, Mahatma Gandhi e muitos outros. A resiliência foi importante em suas vidas porque eles puderam se levantar e caminhar diante dos desafios. Vale, pois, ressaltar que resiliência deve ser compreendida com referência ao âmbito sociohistórico em questão, pois sua expressão carrega consigo valores e significados (COIMBRA; MORAIS, 2015).



Segundo Frankl (2011), ele próprio um sobrevivente de campos de concentração nazistas da Segunda Guerra Mundial, a superação da dor, de preconceitos e violências depende, fundamentalmente, da construção de um sentido de propósito e da atribuição de significado à vida. Frankl não apenas narrou suas experiências traumáticas, como criou uma proposta de intervenção psicoterápica a partir delas, a Logoterapia ou Análise Existencial.

A resiliência é uma importante qualidade humana, que está relacionada à flexibilidade, à variabilidade comportamental e à capacidade de adaptação, imprescindíveis diante de novos desafios. Resiliência corresponde, portanto, à capacidade de recuperação de um indivíduo após a vivência de uma crise (ROBERTSON, 2019). Vale ressaltar que tal capacidade resulta do desenvolvimento de diferentes fatores, que podemos identificar como habilidades socioemocionais. É importante focar cada uma das variáveis, pois diante das inevitáveis dificuldades da vida, habilidades como assertividade, empatia, resolução de problemas serão muito necessárias, além de autoconhecimento, autoestima e autocontrole, por exemplo (DARWICH; GARCIA, 2019).

Cardoso e Martins (2013) construíram a Escala dos Pilares da Resiliência (EPR) para identificar quais características uma pessoa mais desenvolveu – ou desenvolveu pouco – dentre aquelas que favorecem uma conduta resiliente. Para tanto, são apresentados onze fatores ou pilares de resiliência, que correspondem a habilidades socioemocionais: aceitação positiva de mudança, autoconfiança, autoeficácia, bom humor, controle emocional, empatia, independência, orientação positiva para o futuro, reflexão, sociabilidade e valores positivos (CARDOSO; MARTINS, 2013). Os fatores foram conceituados com base em diferentes autores e, para favorecer a compreensão de cada um em sua relação com os demais, apresentamos tais conceitos no Quadro 1.

### Quadro 1 – Fatores de resiliência.

Fator	Conceito
Aceitação positiva de mudança	Reconhecimento de que as mudanças e as situações difíceis podem oferecer oportunidades de crescimento
Autoconfiança	Refere-se à pessoa que é segura, que acredita que pode se colocar diante de qualquer situação com uma postura forte e eficaz
Autoeficácia	Refere-se à crença e percepção do indivíduo sobre suas próprias capacidades
Bom humor	Habilidade de usar o humor para lidar com os problemas, não para negá-los, mas para possibilitar-lhe alívio e uma forma de enxergar a vida de maneira otimista
Controle emocional	Capacidade de uma pessoa controlar suas emoções, evitando, assim, ter ataques de ira e condutas agressivas
Empatia	Habilidade de se colocar no “lugar do outro”, perceber o estado emocional (pensamentos e sentimentos) de outra pessoa, sem que ela necessariamente o diga, e compreender as razões que a levam a se comportar de determinado modo
Independência	Capacidade de manter distância emocional e física de outras pessoas, sem cair no isolamento
Orientação positiva para o futuro	Refere-se à pessoa que pensa positivamente em relação aos acontecimentos de sua vida, seja no campo profissional, familiar ou pessoal, e que, além disso, tem objetivos claros e luta para concretizá-los, por acreditar que irá vencer
Reflexão	Capacidade de a pessoa manter o autodistanciamento diante de um problema para poder refletir sobre a melhor solução com sabedoria, inteligência e crítica
Sociabilidade	Habilidade de se relacionar e de criar laços de intimidade com outras pessoas, com o intuito de equilibrar a própria necessidade de afeto
Valores positivos	Qualidade de se comprometer com valores e de estender o desejo pessoal de bem-estar a toda a humanidade, de diferenciar o bem do mal, além do anseio de viver uma vida pessoal satisfatória, ampla e com riqueza interior

Fonte: Cardoso e Martins (2013)

A escrita autobiográfica é um outro recurso importante para expor e validar vivências, aproximando-se do papel que Yunes, Fernandes e Weschenfelder (2018, p. 85) indicaram ser o de um tutor de resiliência – aquele “‘outro significativo’ que apoia e ativa a iniciação de processos de resiliência naquele que enfrenta a dor e o trauma”. Além disso, a resolução de conflitos é muito facilitada pela comunicação – inclusive quando se trata da comunicação do indivíduo com ele mesmo. Verificamos, assim, uma relação estreita entre escrita de diários e autoconhecimento, no sentido de que aquele que escreve é seu próprio interlocutor.

# Memórias de Clementina: reflexões iniciais

Laços entre experiência e sua reelaboração na condição narrativa, enquanto abertura para revivificar e ao mesmo tempo recriar o vivido, são centrais para a análise de relatos autobiográficos. Neste sentido, “nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida”, sendo um trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza os quadros sociais nos quais as lembranças permanecem (HALBWACHS, 2017, p.78-79).

Além disso, a memória seria um processo elaborado coletivamente, a partir de inter- relações entre o indivíduo e os contextos sociais nos quais se insere. “É na relação de troca entre narrador e ouvintes que se revivem e recriam as experiências. É no ato de transmiti-las que se constituem e se legitimam os saberes, os conhecimentos, as tradições” (HARTMANN, 2018, p. 188-189).

Bosi (2016, p. 82) destaca a necessidade de a arte da autonarrativa permanecer viva. A exposição da experiência pode ser entendida como um processo de diálogo entre indivíduos e, de certa forma, entre visões atuais e passadas. Quanto ao contato com a riqueza e a diversidade presentes nas memórias dos velhos, ela ressalta que “momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente”. É assim que memórias se tornam histórias.

Halbwachs (2017, p. 13) considera que a consciência “jamais está encerrada em si mesma” e, em outros termos, Bosi (2016, p. 56) destaca o papel da linguagem enquanto instrumento socializador da memória, sendo ela que “reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual”. Vale ressaltar que a linguagem, que atualiza e elabora diferentes imagens em um contexto subjetivo que compreendemos como memória, é um produto social. Adquirimos linguagem por meio de trocas sociais e, portanto, também a memória ultrapassa os limites do indivíduo enquanto tal.

Porque a memória pressupõe vivências que foram compartilhadas com outras pessoas, “jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas” (HALBWACHS, 2017, p. 30).

Além disso, existe uma relação direta entre o que lembramos em um dado momento e como, então, nos sentimos, da mesma forma que ocorrências externas nos afetam. Nosso mundo interno é uma parte essencial da realidade que construímos por meio de nossas trocas sociais (SKINNER, 1993). Lembrar e transformar em palavras o vivido desperta emoções que chegarão a futuros leitores como reações que expressam suas próprias histórias.

Somos seres sociais, capazes de reconstruir verbalmente os acontecimentos e atribuir-lhes significados em diferentes contextos, transformando-os também em memórias do passado. Neste sentido, relatos de memórias sempre correspondem a construções simbólicas, assim como relatos de histórias individuais resultam de múltiplos encontros entre pessoas. Portanto, tudo o que pode parecer “meu” é, na verdade “nosso” (BRANDÃO, 2015) ou, conforme Halbwachs (2017, p. 120) “a rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedades múltiplas em que estamos envolvidos”.

Enquanto produto articulado, Benjamin (1994, p. 205) reconhece a narrativa como sendo

num certo sentido uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação de um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.

Segundo Pollak (1992), a memória é essencial na percepção de si e dos outros. Dessa forma, ela acaba sendo constituída pelo resultado de um trabalho de organização e de seleção daquilo que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência, ou seja, de identidade.

E assim chegamos a Clementina. A elaboração de suas memórias foi um desafio enfrentado por ela, que resultou em uma narrativa simples, que nos aproxima

tanto dela quanto de imagens, cheiros e sabores que nos transportam a um passado que se entrecruza com nossa própria história. As falas pessoais da narradora ecoam arranjos de vozes coletivas e sua existência continua produzindo sentidos dentro e fora de si, aproximando o leitor dele próprio. As memórias de Clementina foram escritas entre 1997 e 2002, quando ela tinha de 62 a 67 anos e, neste estudo, correspondem aos períodos de infância e adolescência, entre 1938 e 1953, em Salinas. O texto foi transformado em vídeo para dar subsídio a reflexões e à investigação de efeitos delas sobre o autoconhecimento.

Sobre a pequena cidade da região do Salgado, no estado do Pará, vale ressaltar que

Em 1882, Salinas foi elevada a município, cuja instalação ocorreu em 1884. Obteve ainda, foros de Cidade, em 1901. Entretanto, no ano de 1930, o município sofreu nova extinção, ficando o seu território anexado ao de Maracanã, até 1933, quando ocorreu sua emancipação político administrativa. Em virtude de a legislação federal proibir a duplicidade de nomes de cidades e vilas, em 1943, Salinas passou a chamar-se Salinópolis<sup>1</sup>.

Um breve resumo do material escrito e fotografias que correspondem à época das narrativas que deram suporte ao vídeo e aos dois roteiros de reflexão utilizados neste estudo são apresentados a seguir.

Clementina nasceu em janeiro 1935, no município de Igarapé-Açu. Seu pai era alemão e sua mãe, portuguesa. Ambos vieram para o Brasil ao final da Primeira Guerra Mundial. Conforme seu relato: *“Meus pais queridos que tanto amei, ambos vindos de lugares tão distantes... [...] Em quatro meses se conheceram, se apaixonaram e casaram. Um amor que venceu as barreiras das distâncias”*. A Figura 1 apresenta a família de Clementina, sendo esta a filha caçula.

---

<sup>1</sup> Apesar de a denominação oficial de Salinas ter-se tornado “Salinópolis” nos anos 1940, mantemos o nome anterior e, assim, o costume adotado no Pará.

**Figura 1 – Família de Clementina.**



**Fonte: Arquivo pessoal**

Aos três anos de idade, Clementina passou a viver com os avós maternos em Salinas: *“Fui para Salinas com meus avós para deixar de mamar, pois mamei até os 3 anos. Fui deportada, pois não quis mais deixar meus avós e eles não quiseram abrir mão de mim, mas, apesar de amá-los muito, amava meus pais e ficava dividida”*. A Figura 2 - Apresenta os avós maternos de Clementina.

**Figura 2 –Avós de Clementina**



**Fonte: Arquivo pessoal**

Em sua narrativa, Clementina expressa suas memórias afetivas na convivência com os avós maternos, que se fizeram presentes durante seu processo de aprendizagem inicial e, assim, participando da construção de sua identidade e gerando reflexos positivos na vida adulta. Ao longo desse processo, a memória atrela as imagens de fatos passados a crenças e necessidades do presente. Segundo

Clementina, “Salinas, uma cidade à beira-mar onde meus avós tinham casa e que muito amei, pois lá passei as melhores épocas de minha vida. Nossa casa ficava na beira da praia. De minha cama ao amanhecer ouvia o quebrar das ondas na beira”. Quanto a essa época, a Figura 3 apresenta um recorte de jornal com imagens de Salinas no ano de 1939 (COIMBRA; MORAIS, 2015).

Figura 3 – Salinas em 1939.



Fonte: Coimbra (2015)

Em suas lembranças da infância, Clementina descreve sua intimidade com o mar e os fortes laços que mantinha com a natureza. Benjamin (1987, *apud* Alves, 2018, p. 78): “o tempo da infância é o tempo do brincar e o tempo de ‘agoras’, em que passado, presente e futuro se relacionam numa unidade. Trata-se de um tempo que se abre para diferentes possibilidades”.

Tempos de frutas, tempos de alegria. Clementina detalha as frutas que eram



colhidas no pé e muitas vezes saboreadas ali mesmo, fazendo parte do ambiente de afeição que Clementina vivia com seus familiares. Ela sabia o “tempo” de todas elas e adorava brincar no meio delas, sozinha ou com os primos. Este era um dos divertimentos que só as crianças conhecem e que levavam a quebras de regras e a castigos: *“As videiras de minha avó, carregadas de uvas... Batíamos com uma vara para as uvas caírem e comê-las, para que minha avó pensasse ser os passarinhos. Ela descobriu e deu-nos um corretivo”*..

Clementina descreve um parque com uma fonte de água natural enquanto espaço de recreação e lazer que também favorecia o bem-estar físico e psíquico dos veranistas e moradores locais ao mesmo tempo que também apresenta sua chegada à escola. De tal contexto relembra com carinho a professora Julieta, que a incentivou a ler e ser curiosa acerca das coisas do mundo e que a convidou a recitar um poema para o governador Magalhães Barata. Diante do poema, Clementina oferece ao leitor oportunidade de reconhecer o recitar não somente como ato cognitivo, mas também como ato poético que despertou, na criança, muito contentamento: *“Quando terminei, fui muito aplaudida por ser muito desembaraçada e levar muito jeito para declamar. Fiquei muito feliz e convencida”*.

Por meio do relato de seu amor de infância, Clementina expõe a descoberta de sensações de encantamento e frustração. Ainda criança, crescendo para vida e cheia de aventuras e descobertas, ela compartilha a ideia de que a paixão revela experiências, nem todas positivas, mas todas válidas. É possível considerar relações entre experiência de vida e construção de resiliência diante de sucessos, como no caso acima, quando Clementina foi aplaudida ao recitar um poema, mas também quando os efeitos alcançados não são os desejados, como no caso da primeira paixão daquela criança. *“Um belo dia, chega ele em Salinas, casado, para passar sua lua de mel. Quando soube, fui esconder-me em um lugar solitário que era só meu, e pus-me a chorar por horas e horas”*.

A infância de Clementina permanece guardada em um museu peculiar: sua memória. Os primos estão muito presentes, enquanto companheiros de travessura,



nas férias escolares, assim como a amizade que tinha por Esmeralda, que foi acolhida pelos avós e ela sempre considerou como irmã. Vale ressaltar um velhinho, que era pescador, com suas histórias do mar que possivelmente deram asas à imaginação da menina Clementina. Ela se empenhou em curar o amigo quando ele mais precisou.

Clementina cresceu e deixou a infância, mas manteve a vivacidade da criança que nutria dentro de si. Parecia que Salinas ainda era pequenina para ela, que continuava a se divertir saudavelmente como os adolescentes de sua época. Como diria Bosi (2016, p. 47) “a memória se constitui como a reserva crescente de cada instante e que dispõe de nossa experiência adquirida”.

As narrativas referem-se a acontecimentos particulares pelos quais Clementina passou, porém são acrescidas de julgamentos de valor. Ao comparar a juventude de sua época com os jovens de décadas posteriores, a autora aponta vantagens desse período da vida que acredita que se perderam: *“A nossa turma de jovens era bem animada, era uma juventude feliz, nossa alegria vinha de dentro para fora, não existia bebidas alcólicas e drogas. Será que hoje a juventude é feliz, com tanta droga, bebida e violência?”*

Halbwachs (2017) compreende um dado lugar como sendo uma experiência contígua à experiência de ser. Em suas narrativas, Clementina apresenta suas experiências e as lições que extraiu da própria alegria de viver intensamente. Também na adolescência percebemos a presença de ocorrências que podem favorecer a aquisição ou o aprofundamento de reflexões favorecedoras de autoconhecimento. A própria alegria diante da vida é o maior exemplo de encontro dela consigo própria.

A Figura 4 mostra a Salinas dos anos 1950 e, portanto, da juventude de Clementina, que de lá partiu definitivamente em 1960, com a morte dos avós e dos pais.

**Figura 4 – Salinas nos anos 1950.**



**Fonte: Biblioteca do IBGE<sup>2</sup> (2020)**

Algumas imagens nos permitem apenas imaginar a passagem do tempo, a história que representam. É o que acontece com a casa dos avós de Clementina, que ainda hoje mantém, na sua entrada, uma placa onde se lê “Retiro Ramos”, sobrenome da família materna (Figura 5).

**Figura 5 – Casa dos avós de Clementina.**



**Fonte: Arquivo pessoal.**

Outras imagens nos permitem acompanhar a passagem do tempo, como é

<sup>2</sup> Disponível em [https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?acervo=fotografia&campo=assunto&notqry=&opeqry=&texto=Salin%C3%B3polis&digital=false&fra\\_seexata=](https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?acervo=fotografia&campo=assunto&notqry=&opeqry=&texto=Salin%C3%B3polis&digital=false&fra_seexata=). Acesso em: 20 out. 2020.

o caso do Hotel Salinópolis, o primeiro da localidade, inaugurado em 1936, e que ficava em frente à casa dos avós de Clementina. A Figura 6 apresenta o hotel em seus primórdios e atualmente.

**Figura 6 – Salinas nos anos 1950.**



**Fonte: Hotel Salinópolis (2020)<sup>3</sup>**

Este também é o caso das praias de Salinas, conforme podemos compará-las por meio de imagens dos anos 1950 e de 2020 (Figura 7), neste caso, paradoxalmente em situação de pandemia de COVID-19.

**Figura 7 – Praia de Salinas nos anos 1950.**



**Fontes: Biblioteca IBGE<sup>4</sup> e arquivo pessoal.**

Quando releu suas memórias, em 2001, Clementina expressou o que passou a ser parte do prefácio de seu livreto, nos seguintes termos: *“ao reler a minha própria história que aqui narro, sinto uma dor muito grande em meu coração – a dor da saudade e da perda do que ficou para trás e que não volta mais, só nas recordações*

<sup>3</sup> Disponível em: <https://hotelsalinopolis.tur.br/index.php/historia-do-hotel>. Acesso em: 22 out. 2020.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=48958>. Acesso em: 22 out. 2020.

*e na saudade inesquecível... Aqui deixo toda a minha sensibilidade e a minha verdade dos momentos maravilhosos e inesquecíveis de tudo que amei e vivi”.*

Bosi (2016, p. 22) afirma que “recordar é sempre um ato de criação”. A fala emocionada e fragmentada é portadora de significações que nos aproxima da perspectiva de quem escreve. A memória é conservação de si próprio e vem à tona nos relatos que aproximam narrador e ouvinte.

Quando relata, a narradora está em um embate com o tempo, tenta preservá-lo e, então, cria e constrói marcas e referências em torno dele. Apesar de a história narrada ter ocorrido no passado, a contação é no presente e quem conta sofre influências da passagem do tempo e do momento atual. O vivido, o sonhado e o imaginado se fundem, fazendo renascer a força da infância e da juventude, a força da vida.

Apartir das vivências narradas é possível cruzar as experiências de Clementina também como ouvinte de si própria e como sujeito ativo das ocorrências de sua vida. É esperado que os participantes deste estudo, em contato com a infância e a adolescência de Clementina, entrem em contato com sentimentos que podem favorecer o processo de autoconhecimento, com os desdobramentos favoráveis esperados.

# Metodologia

## Tipo de pesquisa

Esta pesquisa de campo mediada pela internet, de abordagem qualiquantitativa, corresponde a um desdobramento de uma pesquisa-ação intitulada “Poesia no Dia a Dia: Grupos Vivenciais e Resiliência”, que está sendo implementada entre 2020 e 2022 por oito professores de graduação e pós-graduação da Universidade da Amazônia (UNAMA) e da Universidade Federal do Pará (UFPA – campus Belém e Altamira). A aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) gerou um número de parecer (3.777.809), com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) de número 24782619.9.0000.5173 (Anexo 1).

Uma pesquisa-ação visa possibilitar, aos sujeitos do estudo, participantes e pesquisadores, meios para que consigam responder aos problemas que vivenciam com maior eficiência e com base em uma ação transformadora, revisitada após cada período estabelecido de intervenção. Ela facilita a busca de soluções de problemas por parte dos participantes, aspecto em que a pesquisa convencional tem pouco avançado (THIOLLENT, 2011). Este estudo, portanto, visa contribuir com a construção de conhecimento ao acrescentar dados à pesquisa guarda-chuva, ao mesmo tempo em que procura favorecer o autoconhecimento dos participantes.

## Participantes

Formamos um grupo com doze participantes, identificados por meio de códigos alfanuméricos iniciados com F, no caso de estudantes universitárias, M, estudantes universitários e G, mulheres com queixa clínica (um problema crônico de saúde acompanhado por crises dolorosas). Após a letra, números correspondem à idade de cada participante, que variou de 23 (M23) a 57 (C57) anos.

O grupo completo pode ser diferenciado por meio das três características apontadas, com base nas quais foram criados subgrupos. Os participantes do subgrupo

de mulheres sem queixa clínica (GF) e do subgrupo de homens (GM) estavam na faixa etária dos 20 e 30 anos, enquanto as participantes do subgrupo de mulheres com queixa clínica (GC) eram mais velhas, na faixa etária de 30 a 50 anos. Temos, assim, F26, F27, F30 e F34 no GF; M23, M25, M34 e M37 no GM; e C35, C50, C55 e C57 no GC. Informações acerca dos participantes estão dispostas no Quadro 2.

**Quadro 2 – Participantes.**

<b>Participante</b>	<b>Profissão</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Número de filhos</b>
F26	Estudante	Solteira	0
F27	Estudante	Solteira	1
F30	Estudante; professora	Solteira	0
F34	Estudante	Solteira	0
M23	Estudante	Solteiro	0
M25	Estudante	Solteiro	0
M34	Estudante; bancário	Solteiro	0
M37	Estudante	Solteiro	0
C35	Professora	Casada	2
C50	Psicóloga; pastora	Casada	0
C55	Professora	Casada	2
C57	Administradora (aposentada)	Casada	2

**Fonte: A autoria própria (2020)**

Os oito participantes dos subgrupos GF e GM são estudantes e solteiros, sendo que dois deles têm uma formação anterior (F30 e M34). As quatro participantes do GC são casadas e exercem suas respectivas profissões, com exceção de C57, que está aposentada. Do total de participantes, oito não têm filhos, uma (F27) tem um filho e três (C35, C55 e C57) têm dois filhos.

Os doze participantes foram selecionados dentre vinte integrantes de dois grupos vivenciais, após o primeiro encontro, por terem respondido afirmativamente ao convite e preenchido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 1) a eles dirigidos pelo aplicativo WhatsApp. Assim sendo, a amostra não probabilística foi definida por conveniência, com base na facilidade de acesso, tendo em vista as circunstâncias pouco favorecedoras de uma pandemia. Desta forma, os fatores mencionados (idade, profissão, estado civil e número de filhos) não foram utilizados como base para inclusão dos participantes.

## Materiais

Utilizamos um vídeo de autoria da autora e da orientadora deste estudo, disponível na plataforma *YouTube*<sup>5</sup> e dois roteiros de reflexão *on-line*, em formulários Google, que foram preenchidos individualmente pelos participantes (Apêndices 1 e 2). O vídeo consiste na leitura de memórias de Clementina Fritz, em que constam experiências da infância e adolescência no município de Salinópolis.

## Procedimento

Após o primeiro encontro *on-line* de dois grupos vivenciais, enviamos um convite, pelo aplicativo *WhatsApp*, a vinte integrantes, para que participassem deste estudo, acompanhado de um Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE).

Encaminhamos, aos doze indivíduos que retornaram os TCLEs assinados, um *link* para que assistissem ao vídeo referente às memórias de Clementina, disponibilizado no *YouTube*. Em seguida, eles receberam, sequencialmente, dois *links* que direcionavam a formulários *Google*, que continham roteiros de reflexão. O primeiro roteiro, com dezoito perguntas, visou favorecer lembranças e reflexões a partir delas (Apêndice 1). O vídeo e o primeiro roteiro, com um enfoque positivo, pretenderam favorecer o autoconhecimento e motivar os participantes diante do papel ativo que podem assumir em suas vidas.

O segundo roteiro (Apêndice 2), com duas perguntas, remete a efeitos dos instrumentos anteriores sobre os participantes, na perspectiva de cada um deles.

## Análise dos dados

O espaço de realização de atividades de pesquisa foi utilizado para favorecer o autoconhecimento dos participantes ao mesmo tempo que os relatos coletados por meio de dois roteiros de reflexão subsidiaram a realização de análises individuais e comparativas, por meio de duas etapas, a primeira com ênfase qualitativa e a segunda, quantitativa. Para realização da primeira etapa, dividimos os participantes em três

<sup>5</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=84BUaVZsoxk&list=PLx6cJKqj-gtcaqAq3SJf8sE2iCRuYMX\\_0&index=34](https://www.youtube.com/watch?v=84BUaVZsoxk&list=PLx6cJKqj-gtcaqAq3SJf8sE2iCRuYMX_0&index=34). Acesso em 5 abr. 2021.



subgrupos, compostos por homens (GM) e por mulheres sem (GF) e com (GC) queixa clínica e selecionamos um participante de cada subgrupo como foco de análise (F34, M34 e C35), todos na faixa etária de 30 anos.

A realização da análise qualitativa serviu de base para a criação de uma proposta de análise comparativa, com ênfase quantitativa, que abarca o total de participantes. Assim sendo, os três casos são apresentados e discutidos anteriormente à análise do grupo como um todo. Um desdobramento dessa proposta é a possibilidade de verificação da representatividade de três participantes na faixa etária de 30 anos, cada um com uma característica específica (gênero masculino e feminino, com ou sem problema crônico de saúde) quanto ao grupo como um todo.

A realização de análise de conteúdo foi baseada em critérios descritos por Bardin (2011). Na fase de pré-análise, a leitura flutuante das respostas dos três representantes dos subgrupos aos roteiros de reflexão levou à definição de duas análises complementares, sendo a segunda (com base no segundo roteiro de reflexão) referente à investigação de efeitos dos resultados gerados pela primeira (com base no primeiro roteiro).

A fim de constituir o corpus da pesquisa, tomamos como base os critérios de exaustividade (referente à totalidade da comunicação, sem omissões), representatividade (do universo pela amostra), homogeneidade (referência a um mesmo tema, com a utilização de técnicas iguais), pertinência (adaptação ao conteúdo que está sendo pesquisado) e exclusividade (cada elemento deve ser classificado em apenas uma categoria) (BARDIN, 2011). Para tanto, lançamos mão dos fatores ou pilares de resiliência descritos por Cardoso e Martins (2013), que correspondem a habilidades socioemocionais. Essa escolha foi justificada porque esses fatores, juntos, constituem a construção de postura resiliente e, portanto, fundamentam o movimento de autoconhecimento.

Dos onze fatores, nove demonstraram coerência em relação aos critérios de análise adotados. Aceitação positiva de mudança e controle emocional não transpareceram claramente nos relatos dos participantes a ponto de se adequarem



ao critério de exclusividade.

Assim sendo, as seguintes categorias de análise foram utilizadas, aqui apresentadas com as respectivas definições adotadas por Cardoso e Martins (2013), seguidas por observações mais pontuais, derivadas da análise dos relatos: bom humor (habilidade de usar o humor para lidar com os problemas, não para negá-los, mas para possibilitar-lhe alívio e uma forma de enxergar a vida de maneira otimista – o que, de certa forma, corresponde à visão de mundo de cada participante, seja esta positiva ou, pelo contrário, negativa), independência (capacidade de manter distância emocional e física de outras pessoas, sem cair no isolamento – em um sentido aproximado de como o participante se percebe em relação aos demais, ou seja, quanto à autoimagem), valores positivos (qualidade de se comprometer com valores e de estender o desejo pessoal de bem-estar a toda a humanidade, de diferenciar o bem do mal, além do anseio de viver uma vida pessoal satisfatória, ampla e com riqueza interior – em um sentido aproximado de compreensão da importância do indivíduo em contexto amplo, como quando da ocorrência de apoio social), sociabilidade (habilidade de se relacionar e de criar laços de intimidade com outras pessoas, com o intuito de equilibrar a própria necessidade de afeto – no sentido também de assertividade), orientação positiva para o futuro (refere-se à pessoa que pensa positivamente em relação aos acontecimentos de sua vida, seja no campo profissional, familiar ou pessoal, e que tem objetivos claros e luta para concretizá-los, por acreditar que irá vencer – em um sentido aproximado de investimento em si próprio, característico da presença de autoestima), empatia (habilidade de se colocar no “lugar do outro”, perceber o estado emocional de outra pessoa, sem que ela necessariamente o diga, e compreender as razões que a levam a se comportar de determinado modo), autoconfiança (refere-se à pessoa que é segura, que acredita que pode se colocar diante de qualquer situação com uma postura forte e eficaz), autoeficácia (refere-se à crença e percepção do indivíduo sobre suas próprias capacidades – em um sentido aproximado ao de proatividade) e reflexão (capacidade de a pessoa manter o autodistanciamento diante de um problema para poder refletir sobre a melhor solução com sabedoria, inteligência e crítica – em um sentido aproximado ao de flexibilidade na maneira de pensar).

Na fase de exploração do material (BARDIN, 2011), os relatos dos representantes dos subgrupos foram organizados de modo a compor as diferentes categorias, com base nos significados dos relatos em observância aos contextos em que foram expressos (perguntas que compuseram o primeiro roteiro de reflexão). Consideramos a presença de cada relato como expressão de significado, o que excluiu a necessidade de realização de enumeração.

A dos resultados obtidos foi feita por meio de interpretação controlada ou inferência (BARDIN, 2011). Consideramos o encontro entre emissor e receptor na própria pessoa dos representantes de cada subgrupo, posto terem se dedicado a atos de reflexão, dos quais derivaram as mensagens que analisamos. Todos os passos anteriores também se valem de inferências, que são descritas e, assim, fundamentadas, na seção de resultados e discussão, permitindo avaliar a pertinência das categorias criadas e do enquadramento dos relatos em cada uma delas para subsequente utilização com o total de participantes.

# Resultados e discussão

No primeiro de reflexão (Apêndice 1), a primeira pergunta foi diretamente referente à escrita de diários, enquanto informações sobre a infância e a adolescência foram coletadas por meio das perguntas de número 2 a 9 e, sobre o momento atual, por meio das perguntas de 10 a 18. As perguntas permitiram investigar relações sociais estabelecidas pelos representantes dos subgrupos e relações deles consigo próprios, na perspectiva de cada um. As respostas estão dispostas no Quadro 3 de acordo com as categorias de análise criadas para a análise qualitativa das respostas, que foram divididas entre o período de tempo passado (infância e adolescência) e presente de cada participante (F34, M34 e C35).

**Quadro 3 – Habilidades socioemocionais dos representantes dos subgrupos.**

	<b>F34</b>	<b>M34</b>	<b>C35</b>
<b>Bom humor (passado)</b>	“tive uma infância feliz; brincava muito com meus amigos e primos [...] meu avô nos contava muitas histórias”	“fui muito feliz sendo criança e tendo muitos amigos”	“brincava com outras crianças apenas na escola e com meus primos quando viajava nas férias e só então tinha maior liberdade”
<b>Bom humor (presente)</b>	“gosto muito das coisas simples da vida e tenho procurado aproveitá-las da melhor maneira possível”	“aprendi que a felicidade é um estado de espírito e é pessoal. Podemos ser felizes com tão pouco”	“acredito que como humanidade pioramos muito! Temos uma sociedade cada vez mais egoísta”
<b>Independ. (passado)</b>	“me sentia segura e adorava ter certa autonomia”	“ser travesso era uma característica minha (risos)”	“sempre tive uma característica de estar à disposição”
<b>Independ. (presente)</b>	“minha criança interior é feliz”; “às vezes fico um pouco insegura e acredito que devido a algumas crenças de desamparo”	“a criança que vive em mim me ajuda a manter o equilíbrio com o adulto que sou”	“não sei muito reconhecer a criança em mim”; “não sei muito me fazer rir”
<b>Valores positivos (passado)</b>	“nunca apanhei. Minha mãe conversava com a gente”	“meus pais souberam passar com muito zelo valores importantes. Levei muitos corretivos”	“meus pais tomavam cuidado na força aplicada para não machucar no local que batiam”
<b>Valores positivos (presente)</b>	“minha família, meu esposo tem sido um grande apoio nos momentos de aflição”; “meus passeios favoritos são com minha família”	“gosto muito de ouvir músicas católicas. Isso me traz forças e fortalece minha fé”	“talvez quando quero falar bobagens seja a criança em mim, que sobressai mais com meu marido para rimos em dias difíceis”; “no início da pandemia, estava um dia tão mal que por uns dias escrevi o que estava me incomodando”
<b>Sociabilid. (passado)</b>	“minha prima que morava com a gente me ensinou como me portar para apresentar trabalhos na escola”	“fazia amizades com facilidade e as meninas gostavam das minhas palhaçadas”	“usava minha facilidade em aprender para manter as pessoas por perto e oferecer ajuda em troca. Na época não era proposital; hoje tenho noção do que fazia”

	<b>F34</b>	<b>M34</b>	<b>C35</b>
<b>Sociabilid. (presente)</b>	“geralmente consigo ser assertiva. Não sou de explodir; tento explicar como estou me sentindo”	“procuro ofertar o melhor de mim e tento demonstrar que minha maneira de amar é uma característica pessoal minha”	“tenho facilidade em me relacionar com as pessoas”; “nunca fui muito de explodir”
<b>Orientação positiva para o futuro (passado)</b>	“minha mãe e minha prima nos compreendiam e amparavam”	“quando eu e meu irmão dormíamos na cama dos nossos pais era tão bom de lembrar agora”; “em casa e na casa dos meus avós me sentia seguro e protegido”	“lembro de ter meus pais sempre por perto e ajudando em tudo que era necessário”
Orientação positiva para o futuro (presente)	“reconheço que sou amada por meios de ações, demonstração de afeto, carinho”	“o cuidado diz muito pra mim. É quando me sinto querido”; “me faço sorrir quando me permito ser eu mesmo, sem medo de julgamentos tanto da minha parte quanto a dos outros”	“me sinto amada e acolhida”
Empatia (passado)	“Minha mãe conversava com a gente”	“quando eu e meu irmão, dormíamos na cama dos nossos pais”	“lembro de ter meus pais sempre por perto e ajudando em tudo que era necessário”
Empatia (presente)	“meu objetivo é conseguir ajudar a construir um mundo melhor”	“cada pessoa demonstra amor como sabe e consigo perceber quando alguém quer que eu demonstre meu amor e amizade”; “ter consciência, pesar o que é bom e o que é ruim, não olhar apenas para si, mas para todos e para tudo nos ajudaria a sermos mais amorosos e acolhedores”	“procuro sempre saber como as pessoas estão”
Autoconf. (passado)	“minha mãe me dava uma mesada e eu adorava poder administrar esse dinheiro”; “minha prima me incentivava quando achava que não ia conseguir apresentar algum trabalho”	“minha mãe soube medir os cuidados me ensinando também a ser forte e a enfrentar meus problemas”; “uma professora do 1º ano me indicou e fui reconhecido como o melhor aluno da escola e depois outra sempre procurou extrair o melhor de mim”	“por causa de perigo, minha mãe não deixava eu ir muito na casa de ninguém”
Autoconf. (presente)	“acredito que posso ajudar as pessoas para que boas mudanças ocorram”	“acredito que ajudo a contribuir para a melhoria do mundo, quando começo, mesmo pequeno, a trabalhar o altruísmo e a empatia na minha casa, no meu bairro, na minha faculdade”; “apesar de tímido, gosto de fazer apresentações em público, tenho facilidade”	“escolhi ser professora para contribuir para um mundo melhor, podendo inculcar em meu trabalho sentimentos morais de amor e respeito, passar as maravilhas de Deus pela vida”
Autoefic. (passado)	“ao lado de casa crianças passavam dificuldade financeira e maus tratos, e eu e meus amigos levávamos comida. Eu me sentia muito bem podendo ajudá-los”	“sempre ajudei minha mãe a ser caridosa para com os outros”	“com 12 anos queria ajudar crianças que moravam embaixo da ponte e passavam fome. Pedia dinheiro para meu pai para comprar suco e bolacha. Era o meu limite de ajudar, mas me sentia muito grande”

	<b>F34</b>	<b>M34</b>	<b>C35</b>
Autoefic. (presente)	“minha imaginação é um ponto de apoio para realizar meus objetivos”	“imaginação e criatividade de me ajudam a realizar meus objetivos”	“sempre fui apaixonada por livros e trabalhos voluntários e ambos me ajudaram a realizar meus objetivos”; “quando está muito difícil leio livros que me ajudam a abstrair e sonhar”
Reflexão (passado)	“no primeiro trabalho para apresentar em sala de aula, consegui superar o nervosismo e correu tudo bem”	“passamos por apagão diário. Foi uma época muito boa porque eu, minha família e amigos, aprendemos a tirar tantas coisas boas de tudo isso”	“sempre tive dificuldades em falar em público sobre sentimentos e minha fé. E pediram para eu fazer minha primeira experiência de oração num encontro de jovens e foi um exercício imenso me expor assim. Mas eu fiz”
Reflexão (presente)	“procuo compreender as coisas de forma mais ampla, de várias formas”	“vez ou outra, olho a felicidade alheia a partir da minha perspectiva, mas logo entendo que o meu motivo de felicidade pode não ser o mesmo do outro”	“costumo ver as coisas por minha perspectiva, mas sempre tento entender como o outro pensa, ainda que não concorde”

**Fonte: A autoria própria (2020)**

As categorias de análise utilizadas, divididas entre os tempos passado e presente, fundamentaram a escolha de exemplos retirados dos relatos dos representantes dos subgrupos em resposta ao primeiro roteiro de reflexão. Além de analisarmos os próprios relatos, vale ressaltar novamente que pretendemos fundamentar a categorização que criamos para utilizá-la com o total de participantes.

Em relação à categoria “bom humor”, refletindo a qualidade da relação com a vida, de modo amplo, quanto a sentimentos experienciados e a maneira de pensar ou visão de mundo, no passado foram identificados relatos como “tive uma infância feliz” (F34), “fui muito feliz sendo criança” (M34) e “brincava com outras crianças” (C35). No presente, verificamos a presença relatos como “gosto muito das coisas simples da vida” (F34), “aprendi que a felicidade é um estado de espírito [...]. Podemos ser felizes com tão pouco” (M34) e “acredito que como humanidade pioramos muito!” (C35).

“Independência” foi um termo utilizado com sentido aproximado de “autoimagem” na medida em que a expressão individual refletir vivências sociais. Assim, essa categoria foi identificada, no passado, por termos que identificam emoções e posturas percebidas de modo amplo (F34, “me sentia segura”) ou características pessoais (M34, “ser travesso era uma característica minha” e C35, “sempre tive uma característica de estar à disposição”). No presente, principalmente a descrição da

criança interior possibilitou o reconhecimento da independência dos participantes (F34, “minha criança interior é feliz [...] às vezes fico um pouco insegura”; M34, “a criança que vive em mim me ajuda a manter o equilíbrio” e C35, “não sei muito me fazer rir”).

A categoria “valores positivos”, no passado, foi definida principalmente por meio de relações com pais ou professores, mas também pela presença de outros adultos ou de pares (F34, “nunca apanhei. Minha mãe conversava com a gente”; M34, “meus pais souberam passar com muito zelo valores importantes” e C35, “meus pais tomavam cuidado na força aplicada [no castigo físico] para não machucar”). No presente, também lançamos mão de referências a outras pessoas (F34, “meus passeios favoritos são com minha família” e C35, “com meu marido [...] [rio] em dias difíceis”) ou mesmo da ausência de outras pessoas, como no caso de apoio por meio de uma instituição social (M34, “gosto muito de ouvir músicas católicas. Isso me traz forças e fortalece minha fé”).

“Sociabilidade”, no passado, foi identificada por meio de descrições de adoção de posturas sociais adequadas ou inadequadas por parte do participante (M34, “fazia amizades com facilidade e as meninas gostavam das minhas palhaçadas” e C35, “usava minha facilidade em aprender para manter as pessoas por perto”) ou do contato com modelos de ação assertiva (F34, “minha prima que morava com a gente me ensinou como me portar”), considerando que crescer em contextos assertivos tende a favorecer a sociabilidade, assim como o contrário também é verdadeiro. Em alguns momentos, portanto, relatos referentes a valores positivos se inter-relacionam à sociabilidade, confirmando pressupostos teóricos acerca da natureza social não apenas da aprendizagem, como do ser humano. No presente, “sociabilidade” pôde ser mais claramente fundamentada em relatos de características pessoais dos participantes (F34, “geralmente consigo ser assertiva”; M34, “procuro ofertar o melhor de mim e tento demonstrar que minha maneira de amar é uma característica pessoal minha” e C35, “tenho facilidade em me relacionar com as pessoas”).

“Orientação positiva para o futuro”, no passado e no presente, respectivamente,

foi identificada direta ou indiretamente a partir do contato com demonstrações de amor incondicional para com os participantes, fundamentando a autoestima e, portanto, a positividade (F34, “minha mãe e minha prima nos compreendiam e amparavam” e “reconheço que sou amada por meios de ações”; M34, “me sentia seguro e protegido” e “o cuidado diz muito pra mim. É quando me sinto querido” e C35, “lembro de ter meus pais sempre por perto e ajudando” e “me sinto amada e acolhida”).

A identificação de “empatia” no passado requereu, em muitos casos, a repetição de relatos identificados mediante outras categorias, como “apoio social” (F34, “minha mãe conversava com a gente”), “orientação positiva para o futuro” (M34, “quando eu e meu irmão dormíamos na cama dos nossos pais” e C35, “lembro de ter meus pais sempre por perto”), também neste caso no sentido de que o representante era o “alvo” da empatia. Vale ressaltar que, no caso da totalidade dos participantes, a identificação de adoção de postura empática deles próprios no passado também foi possível. Quanto ao presente, empatia correspondeu a movimentos de atenção aos demais (M34, “consigo perceber quando alguém quer que eu demonstre meu amor” e C35, “procuro sempre saber como as pessoas estão”), mas também enquanto proposta de atuação diante da vida (F34, “meu objetivo é conseguir ajudar a construir um mundo melhor”).

“Autoconfiança”, no passado, foi identificada por meio de ações dos próprios participantes ou de relações por eles estabelecidas com pessoas que favoreciam ou não o desenvolvimento dessa habilidade (F34, “minha mãe me dava uma mesada e eu adorava poder administrar esse dinheiro”; M34, “minha mãe soube medir os cuidados me ensinando também a ser forte e a enfrentar meus problemas” e C35, “por causa de perigo, minha mãe não deixava eu ir muito na casa de ninguém”). No presente, posicionamentos dos próprios participantes surgiram mais claramente nos relatos (F34, “acredito que posso ajudar as pessoas para que boas mudanças ocorram”; M34, “acredito que ajudo a contribuir para a melhoria do mundo” e F35, “escolhi ser professora para contribuir para um mundo melhor”).

“Autoeficácia” foi identificada, no passado, por meio de ações em benefícios

de terceiros (F34, “ao lado de casa crianças passavam dificuldade financeira e [...] levávamos comida”; M34, “sempre ajudei minha mãe a ser caridosa para com os outros” e C35, “queria ajudar crianças que moravam embaixo da ponte e passavam fome. Pedia dinheiro para meu pai para comprar suco e bolacha”). No presente, a concretização de objetivos caracteriza autoeficácia e os participantes identificam fatores pessoais e de contato social que se fizeram importantes (F34, “minha imaginação é um ponto de apoio para realizar meus objetivos”; M34, “imaginação e criatividade me ajudam a realizar meus objetivos” e C35, “sempre fui apaixonada por livros e trabalhos voluntários e ambos me ajudaram a realizar meus objetivos”) “Reflexão” foi identificada, no passado, como base para movimentos de superação, no sentido de a criança ou o adolescente ter se proposto a enfrentar situações novas ou desafiadoras (F34, “no primeiro trabalho para apresentar em sala de aula, consegui superar o nervosismo”; M34, “passamos por apagão diário. [...] aprendemos a tirar tantas coisas boas de tudo isso” e C35, “pediram para eu fazer minha primeira experiência de oração num encontro de jovens e foi um exercício imenso me expor assim. Mas eu fiz”). No presente, reflexão correspondeu à capacidade de adotar diferentes perspectivas diante de determinada circunstância (F34, “procuro compreender as coisas de forma mais ampla, de várias formas”; M34, “entendo que o meu motivo de felicidade pode não ser o mesmo do outro” e C35, “sempre tento entender como o outro pensa, ainda que não concorde”).

De modo geral, as categorias criadas, ao serem exemplificadas por meio dos relatos dos representantes de cada subgrupo, deixaram entrever aspectos positivos, negativos ou relativos que eles identificaram em si próprios e naqueles com quem conviveram e convivem. A avaliação das respostas está melhor descrita no Quadro 4. Temos, assim, as categorias “positivo”, “relativo” e “negativo”, que sustentam o autoconhecimento dos participantes de cada subgrupo.



**Quadro 4 – Classificação das habilidades socioemocionais dos representantes dos subgrupos**

	F34		M34		C35	
	Passado	Presente	Passado	Presente	Passado	Presente
Empatia	Positivo	Positivo	Positivo	Positivo	Positivo	Positivo
Autoeficácia	Positivo	Positivo	Positivo	Positivo	Positivo	Positivo
Reflexão	Positivo	Positivo	Positivo	Positivo	Positivo	Positivo
Sociabilidade	Positivo	Positivo	Positivo	Positivo	Relativo	Positivo
Autoconfiança	Positivo	Positivo	Positivo	Positivo	Negativo	Positivo
Independência	Positivo	Relativo	Positivo	Positivo	Positivo	Relativo
OPF	Positivo	Positivo	Positivo	Relativo	Positivo	Positivo
Valores posit.	Positivo	Positivo	Relativo	Relativo	Positivo	Relativo
Bom humor	Positivo	Positivo	Positivo	Positivo	Negativo	Negativo
<b>Total</b>						
Positivo	9	8	8	7	6	6
Relativo	0	1	1	2	1	2
Negativo	0	0	0	0	2	1

**Fonte: Autoria própria (2020)**

**OPF: Orientação positiva para o futuro; Valores posit.: valores positivos.**

No Quadro 4, respostas correspondentes a “relativo” e a “negativo” são apresentadas em vermelho para facilitar a visualização do contraste estabelecido entre elas e o total, mais significativo, de respostas correspondentes a “positivo”.

Três habilidades (empatia, autoeficácia, reflexão) apresentaram resultado positivo em todos os casos, tanto no passado, quanto no presente. Duas habilidades (sociabilidade e autoconfiança) apresentaram resultado positivo em dois casos (F34 e M34). Duas habilidades (independência e orientação positiva para o futuro) apresentaram resultado positivo nos três casos, apenas quanto ao passado. Houve um total de sete ocorrências de resultados relativos e, portanto, nem totalmente positivos e nem totalmente negativos: tanto no passado quanto no presente (apoio social), apenas no passado (sociabilidade) e apenas no presente (independência e orientação positiva para o futuro).

Percebemos, portanto, que a empatia, a autoeficácia e a reflexão correspondem a um ponto que uniu todos os representantes dos subgrupos ao longo de suas histórias de vida. Além disso, eles tiveram, em comum, independência e orientação positiva para o futuro positivas apenas no passado, sendo a primeira depois relativizada em

dois casos e a segunda, em um. Avanços foram observados quanto à sociabilidade e à autoconfiança (um caso em cada uma). Apenas no caso de C35 houve resultados considerados negativos tanto no passado, quanto no presente (bom humor), bem como apenas no passado (autoconfiança).

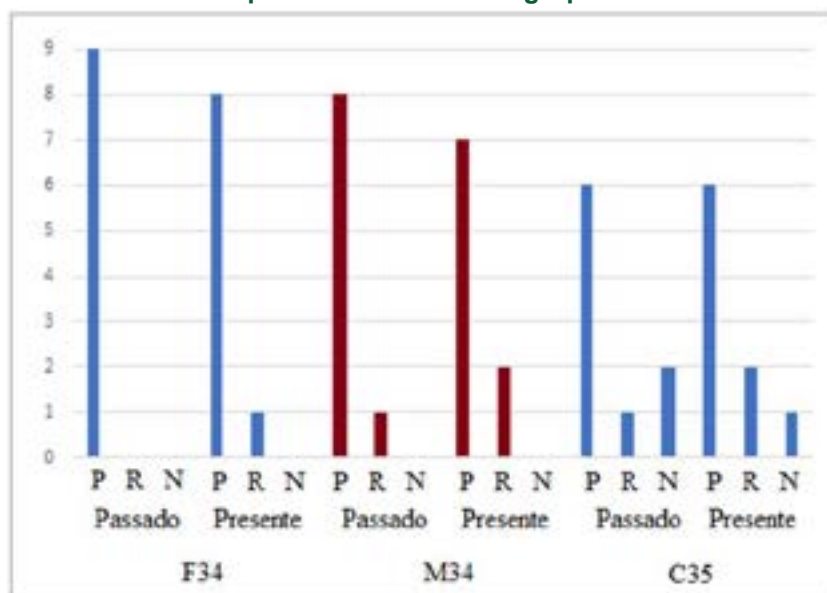
Resultados classificados como relativos apenas no presente são indicativos de desfavorecimentos que determinadas habilidades socioemocionais, positivas na infância, sofreram com o passar do tempo. Isso ocorreu com todos os participantes. No caso de F34, a independência ficou um tanto prejudicada se considerarmos a insegurança que ela identificou sentir no presente (“às vezes fico um pouco insegura e acredito que devido a algumas crenças de desamparo”); no caso de C35, além da independência, no presente, com a frase “eu não sei muito me fazer rir”, valores positivos parecem ter ficado parcialmente fragilizados no presente, pois ela, apesar de contar com o marido, citou um momento em que preferiu não incomodar (“no início da pandemia, estava um dia tão mal que por uns dias escrevi o que estava me incomodando”); e M34 demonstrou que a orientação positiva para o futuro sofreu um certo abalo no presente ao deixar implícito que nem sempre se permite ser quem é, o que enfraqueceria tal orientação positiva (“me faço sorrir quando me permito ser eu mesmo, sem medo de julgamentos tanto da minha parte quanto a dos outros”).

Em um movimento contrário, C35 demonstrou uma melhora na sociabilidade, pois percebeu que inicialmente manipulava seus pares (“usava minha facilidade em aprender para manter as pessoas por perto e oferecer ajuda em troca”), o que deixou de ocorrer em sua vida adulta. Retornando a M34, este apresentou mais dois resultados relativos em referência a valores positivos e, portanto, tanto no passado quanto no presente. Apesar da imagem positiva que guarda de seus pais, a afirmativa “levei muitos corretivos” indica que, na visão dos pais, a partir de determinados limites a imposição de valores se fez mais necessária que o apoio para que determinadas posturas fossem escolhidas por ele, o que pressupõe a compreensão de agressividade como atitude eticamente coerente. No presente, valores positivos parecerem restritos a uma única área da vida, em que o participante apresenta uma postura mais passiva (“gosto muito de ouvir músicas católicas”).

Por fim, C35 foi a única participante a apontar fatores negativos em suas habilidades socioemocionais. Em sua visão de mundo (e em referência à categoria “bom humor”), desde criança tinha pouca liberdade para brincar e, no presente, escreveu “acredito que como humanidade pioramos muito! Temos uma sociedade cada vez mais egoísta”. Ela própria, no entanto, superou as dificuldades da infância, que poderia ter diminuído sua autoconfiança, já que tinha pouco espaço para interagir com seus pares, nos permitindo afirmar que assumiu responsabilidades diante do mundo que percebeu como problemático (“escolhi ser professora para contribuir para um mundo melhor, podendo inculcar em meu trabalho sentimentos morais de amor e respeito, passar as maravilhas de Deus pela vida”).

O Gráfico 1 permite que os resultados apresentados no Quadro 2 sejam melhor visualizados, favorecendo a realização de uma análise mais numérica e quantitativa. Esses resultados são referentes às três últimas linhas, com dados correspondentes ao total de resultados positivos, relativos e negativos.

**Gráfico 1 – Comparação das habilidades socioemocionais dos representantes dos subgrupos.**



Fonte: Autoria própria (2021)

Como percebemos mais claramente a partir da apresentação dos dados no Gráfico 1, F34 foi a única participante a apresentar nove respostas positivas (100%), ainda que apenas no passado, além de apenas uma resposta relativa no presente. Um resultado um pouco inferior foi apresentado por M34, com oito respostas positivas

no passado e sete no presente, sendo as demais, relativas (uma no passado e duas no presente). O resultado mais baixo foi apresentado por C35, com um máximo de seis respostas positivas, no passado e também no presente, uma resposta relativa no passado e duas no presente, e duas respostas negativas no passado e uma presente. Variações percebidas entre os momentos passado e presente são melhor sistematizadas no Quadro 5.

**Quadro 5 – Variações nas habilidades socioemocionais dos representantes dos subgrupos.**

	F34		M34		C35	
	Passado	Presente	Passado	Presente	Passado	Presente
Empatia	Positivo		Positivo		Positivo	
Autoeficácia						
Flexibilidade						
Sociabilidade					Relativo	Positivo
Autoconfiança					Negativo	Positivo
Independência	Positivo	Relativo			Relativo	Positivo
OPF	Positivo		Relativo	Positivo	Positivo	
Apoio social			Relativo		Positivo	Relativo
Bom humor					Negativo	

**Fonte: Autoria própria (2020)**

Avanços identificados pelos três participantes quando refletiram acerca de situações da infância até a vida adulta são percebidos por meio de mudanças nos resultados de “relativo” a “positivo” (C35, quanto à sociabilidade) ou de “negativo” a “relativo” (nenhuma ocorrência) ou de “negativo” a “positivo” (C35, quanto à autoconfiança). Por outro lado, prejuízos foram percebidos em determinadas habilidades, com resultados de “positivo” a “relativo” (F34, quanto à independência; M34, quanto à orientação positiva para o futuro; e C35, quanto à independência e apoio social). Nos demais casos houve a permanência de resultados positivos, com exceção da manutenção de resultado relativo (M34, quanto ao apoio social) e negativo (C35, quanto ao bom humor).

Os representantes dos subgrupos responderam a todas as perguntas do roteiro de reflexão de modo completo e detalhado, com particularidades que apontam para a possibilidade de que o autoconhecimento foi favorecido. Um outro indício foi encontrado

nas respostas dadas na entrevista de finalização (Apêndice 2): F34 escreveu que “a partir das reflexões foi possível me dar conta de muitos questionamentos que eu fazia sobre meus comportamentos e até mesmo sobre minha escolha profissional”; M34, que o estudo “ajudou a observar os detalhes que eu havia me esquecido, e me fez ficar reflexivo. Me ajudou a olhar o ontem e o hoje, mas não no sentido de comparar, mas no sentido de como as coisas mudaram e como meu comportamento veio sendo modelado no decorrer do tempo”; e C35, que o estudo “ajudou a refletir sobre pontos de minha vida e a entender alguns de meus medos e inseguranças no hoje”.

Uma análise quantitativa dos resultados dos três representantes dos subgrupos é referente às habilidades que demonstraram ter no passado e/ou no presente, nos termos que adotamos como “positivo”, “relativo” e “negativo”. Dos dados brutos foram derivadas percentagens no Quadro 6.

**Quadro 6 – Total parcial e geral dos resultados dos representantes dos subgrupos.**

	Positivo		Relativo		Negativo	
	Passado	Presente	Passado	Presente	Passado	Presente
F34	9	8	0	1	0	0
M34	8	7	1	2	0	0
C35	6	6	1	2	2	1
<b>Total</b>						
Parcial	23	21	2	5	2	1
% (total: 27)	85,2%	77,8%	7,4%	18,5%	7,4%	3,7%
Geral	44		7		3	
% (total: 54)	81,5%		13%		5,5%	

**Fonte: Autoria própria (2020)**

Quando comparamos passado e presente (considerando um valor bruto de 27 pontos em cada caso, no máximo, quanto aos três participantes), verificamos, no passado, resultados mais positivos (85,2% contra 77,8% no presente), mais negativos (7,4% contra 3,7% no presente) e menos relativos (7,4% contra 18,5% no presente). Tendo em vista a história de vida como um todo (com um valor bruto de 54 pontos, no máximo, quanto aos três participantes), verificamos um total de 81,5% de resultados positivos, 13%, de resultados relativos, e apenas 5,5% de resultados negativos.

Em suma, três participantes (F34, M34 e C35) nos serviram de exemplo

para a construção de categorias de análise, tanto no sentido de quais habilidades socioemocionais os relatos coletados por meio dos roteiros de reflexão nos permitiam alcançar, quanto de que modo as respostas poderiam ser classificadas. A este respeito, consideramos três possibilidades avaliativas do conteúdo: “positivo”, “relativo” e “negativo”. Com idades semelhantes e cada um representando um subgrupo, acreditamos que esses participantes seriam representativos da amostra como um todo. Com os conjuntos de dados assim derivados, partimos para a análise das respostas do total de participantes.

O Quadro 3 foi criado como forma de deixar claro que tipo de relato, no passado e no presente, corresponderia a qual habilidade socioemocional. Ele serviu de base para a construção do Quadro 4, que classifica as habilidades socioemocionais de acordo com as três possibilidades avaliativas. O Quadro 7 corresponde ao Quadro 4, desta vez com o total de participantes, inclusive os que representaram os subgrupos.

**Quadro 7 – Classificação das habilidades socioemocionais do total de participantes.**

	Bom humor		Indep.		Valores posit.		Sociab.		OPF		Empatia		Autoc.		Autoefic.		Reflexão		
	Pa	Pr	Pa	Pr	Pa	Pr	Pa	Pr	Pa	Pr	Pa	Pr	Pa	Pr	Pa	Pr	Pa	Pr	
F26	P	P	P	R	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
F27	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
F30	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	R	R	R	P	P	P	P	P	P
F34	P	P	P	R	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P
M23	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	R	P	P	P	P	P	P
M25	P	P	P	R	R	P	N	P	P	P	P	P	R	P	P	P	P	P	P
M34	P	P	P	P	R	R	P	P	P	R	P	P	P	P	P	P	P	P	P
M37	R	P	R	P	R	P	R	R	R	P	R	R	R	P	P	P	R	P	P
C35	N	N	P	R	P	R	R	P	P	P	P	P	N	P	P	P	P	P	P
C50	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	P	R	P	P	P	P	P	P
C55	P	P	P	P	R	P	R	P	R	P	R	P	P	P	P	P	P	P	P
C57	R	R	R	P	N	P	N	P	R	P	N	P	R	P	P	P	P	N	P
<b>Total</b>																			
Pos.	9	10	10	8	7	10	7	11	9	11	8	10	5	12	12	12	10	12	
Rel.	2	1	2	4	4	2	3	1	3	1	3	2	6	0	0	0	1	0	
Neg.	1	0	0	0	1	0	2	0	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	

Fonte: Autoria própria (2020)

“Pa”: passado; “Pr”: presente; “P”: positivo; “R”: relativo; “N”: negativo.

No Quadro 7, assim como no Quadro 4, respostas correspondentes a “relativo”

e a “negativo” são apresentadas em vermelho para facilitar a visualização do contraste estabelecido entre elas e o total de respostas correspondentes a “positivo”.

Das três habilidades que apresentaram resultado positivo em todos os casos, tanto no passado, quanto no presente (empatia, autoeficácia, reflexão), apenas a autoeficácia se manteve no caso do total de participantes. No caso da reflexão e da autoconfiança, o resultado de 100% positivo foi mantido apenas no presente. Quanto à empatia, houve três resultados relativos e um negativo no passado, com avanços em direção ao presente (no caso de C55 e C57), quando houve apenas dois resultados relativos. Quanto à sociabilidade e à orientação positiva para o futuro, no presente, houve apenas um resultado relativo, tendo sido os demais resultados positivos.

É importante ressaltar que F27 apresentou apenas resultados positivos, enquanto, além de F34, também F26, M23 e C50 apresentaram apenas um resultado relativo. A presença de resultados negativos foi verificada, além de no caso de C35 (três ocorrências), também no caso de M25 (uma ocorrência) e C57 (quatro ocorrências). Verificamos, portanto, que o resultado do total de participantes de certa forma reproduz o que foi verificado com os representantes dos subgrupos.

O Quadro 8 destaca os resultados do Quadro 7 quanto ao total de cada participante, permitindo uma comparação direta entre eles.

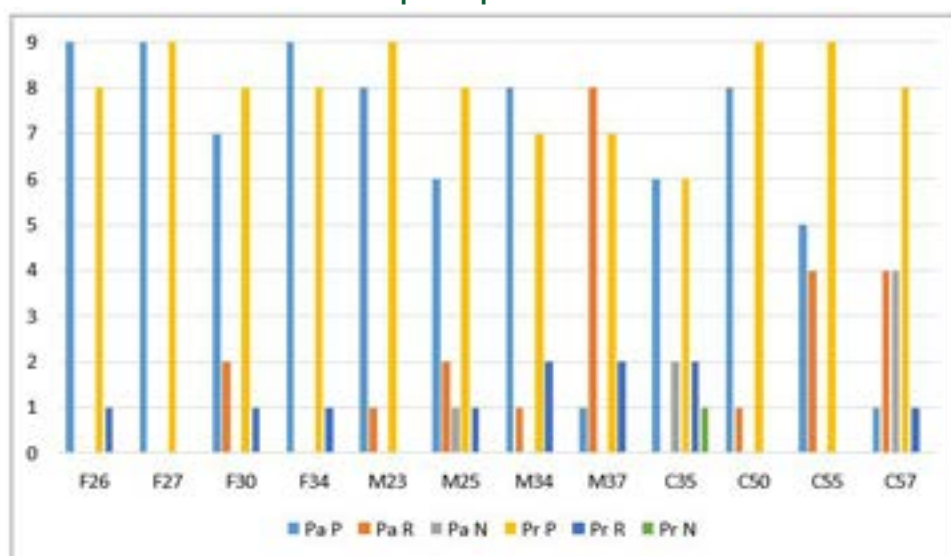
**Quadro 8 – Comparação das habilidades socioemocionais do total de participantes.**

	Pa			Pr		
	P	R	N	P	R	N
F26	9	0	0	8	1	0
F27	9	0	0	9	0	0
F30	7	2	0	8	1	0
F34	9	0	0	8	1	0
M23	8	1	0	9	0	0
M25	6	2	1	8	1	0
M34	8	1	0	7	2	0
M37	1	8	0	7	2	0
C35	6	0	2	6	2	1
C50	8	1	0	9	0	0
C55	5	4	0	9	0	0
C57	1	4	4	8	1	0

Fonte: Autoria própria (2020)

A discussão referente aos resultados do Quadro 8 são apresentadas após o Gráfico 2, que permite uma melhor visualização da análise quantitativa dos dados.

**Gráfico 2 – Comparação das habilidades socioemocionais do total de participantes.**



Fonte: Autoria própria (2021)

**Azul: resultado positivo no passado; laranja: resultado relativo no passado; cinza: resultado negativo no passado; amarelo: resultado positivo no presente; azul escuro: resultado relativo no presente; verde: resultado negativo no presente.**

Apenas uma participante (F27) apresentou o total possível de respostas positivas no passado e no presente (cores azul e amarelo), enquanto outros três participantes (M23, C50 e C55) apresentaram tal resultado apenas no presente e duas (F26, F34) apenas no passado.

M37 apresentou oito respostas relativas no passado (cor laranja), o que o diferenciou do restante do grupo. A quantidade de respostas relativas no presente (cor azul escura) foi mais estável, com uma única ocorrência em cinco casos (F26, F30, F34, M25 e C57) e com duas ocorrências em três casos (M34, M37 e C35). Quanto a respostas negativas no passado (cinza), houve um total de sete respostas (um caso de M25, dois casos de C35 e quatro de C57). Quanto a respostas negativas no presente (cor verde), C35 permaneceu sendo o único exemplo, com uma resposta. Variações percebidas entre os momentos passado e presente são melhor sistematizadas no Quadro 9.



**Quadro 9 – Variações nas habilidades socioemocionais do total de participantes.**

	Bom humor		Indep.		Valores posit.		Sociab.		OPF		Empatia		Autoc.		Autoefic.		Reflexão									
	Pa	Pr	Pa	Pr	Pa	Pr	Pa	Pr	Pa	Pr	Pa	Pr	Pa	Pr	Pa	Pr	Pa	Pr								
F26	Positivo		P	R	Positivo		Positivo		Positivo		Positivo		Positivo		Positivo		Positivo									
F27			Positivo								Relativo		R						P							
F30			Positivo								Relativo		R						P							
F34			P	R							Positivo		Relativo						P		R		Positivo			
M23			Positivo																				R		P	
M25			P	R																			R		P	
M34			Positivo								Relativo								P		R		Positivo			
M37	R	P	R	P	R	P	Relativo		R	P	Relativo		R	P												
C35	Negativo		P	R	P	R	R	P	Positivo		Positivo		N	P	Positivo											
C50	Positivo		Positivo		Positivo		Positivo		Positivo		Positivo		R	P												
C55	Positivo		Positivo		R	P	R	P	R	P	R	P	Positivo		Positivo											
C57	Relativo		R	P	N	P	N	P	R	P	N	P	R	P	Positivo		N	P								

**Fonte: Autoria própria (2020)**

Avanços identificados pelo total de participantes quando refletiram acerca de situações da infância até a vida adulta são percebidos por meio de mudanças nos resultados de “relativo” a “positivo” e de “negativo” a “positivo”. Houve seis ocorrências de “relativo” a “positivo” quanto à autoconfiança (F30, M23, M25, M37, C50 e C57), três ocorrências quanto a valores positivos (M25, M37 e C55) e orientação positiva para o futuro (M37, C55 e C57), duas ocorrências quanto à independência (M37 e C57) e sociabilidade (C35 e C55), uma ocorrência quanto ao bom humor (M37), empatia (C55) e reflexão (M37). Além disso, houve avanços de “negativo” a “positivo”, com duas ocorrências quanto à sociabilidade (M25 e C57) e uma ocorrência quanto a valores positivos, empatia e reflexão (no caso de C57) e autoconfiança (C35).

Por outro lado, prejuízos foram percebidos em determinadas habilidades, com resultados de “positivo” a “relativo” em quatro casos quanto à independência (F26, F34, M25 e C35), uma ocorrência quanto a valores positivos (C35) e orientação positiva para o futuro (M34). Nos demais casos houve a permanência de resultados positivos, com exceção da manutenção de resultado relativo, com duas ocorrências quanto à empatia (F30 e M37) e uma ocorrência quanto ao bom humor (C57), valores positivos (M34) e sociabilidade (M37) e negativo, com uma ocorrência, quanto ao bom humor (C35).

Vale ressaltar mudanças positivas nos casos de M37 e C57. M37 apresentou inicialmente oito resultados relativos e apenas um positivo. No momento presente, no entanto, ele identificou sete resultados positivos, permanecendo com resultado negativo em apenas dois casos. Quanto a C57, houve um resultado positivo no passado, o qual se manteve, quatro resultados relativos, dos quais um foi mantido e três passaram para positivo, e quatro negativos, todos eles transformados em resultados positivos.

O total de participantes respondeu a todas as perguntas do roteiro de reflexão e o fizeram de modo completo e detalhado em 80% dos casos, o que indica avanços no autoconhecimento, principalmente quando consideramos variações entre o olhar dirigido ao passado e ao presente, conforme detalhado com base no Quadro 6.

Na entrevista de finalização, todos se referiram a lembranças do passado e, assim, a reflexões daí derivadas. F26 e C55 não deram maiores detalhes acerca do processo vivenciado. Como citamos anteriormente, no caso dos representantes dos subgrupos, a identificação direta de avanços no autoconhecimento foi uma constante em todos os outros casos. F27 escreveu que participar do estudo a ajudou “a lembrar do porquê somos o que somos. [...] Sempre há algo novo para aprender ou descobrir quando acessamos estes tipos de memória”; C50 escreveu que o estudo lhe permitiu “lembrar de coisas que eu fazia e me sentia muito bem que com o tempo deixei de fazer como aproveitar melhor os momentos com a natureza”; M25 escreveu que “as memórias de Clementina fizeram com que percebesse algumas situações que vivo atualmente como uma construção da minha história na infância”; M23, que “com as reflexões foi possível dar atenção para aspectos da existência jamais observados; logo, contribuiu para meu autoconhecimento” e M37 lançou mão de uma metáfora para explicar a “sensação de bem-estar” que experienciou e que “precisa acontecer com mais regularidade” – “a sensação foi de estar faxinando uma casa: limpando algumas mobílias e jogando fora algumas coisas que não serviam mais também, deixando o ambiente mais limpo e cheiroso”. Vale ressaltar que percebemos expressões de efeitos positivos da participação do estudo, ainda que por meio de experiências dolorosas, como no caso de F30, que escreveu que o estudo “me fez perceber que eu as guardo

[memórias] por medo de entrar em contato, por já ter perdido pessoas importantes na minha vida [...] foi a primeira atividade em que me vi chorando ao escrever as respostas e me fez entender que essas memórias são cheias de sentimentos e têm grande poder sobre nossas emoções”. Por fim, C57, que apresentou diferentes avanços quanto aos relatos do passado e do presente, escreveu que a participação no estudo “me fez ter consciência de que tive uma infância feliz, apesar dos corretivos [...] Memórias de Clementina me apresentou a minha criança feliz”.

Uma análise quantitativa dos resultados do total de participantes é referente às habilidades que relataram ter no passado e/ou no presente, nos termos que adotamos como “positivo”, “relativo” e “negativo”. Dos dados brutos foram derivadas percentagens no Quadro 10.

**Quadro 10 – Total parcial e geral dos resultados do total de representantes.**

	Positivo		Relativo		Negativo	
	Passado	Presente	Passado	Presente	Passado	Presente
F26	9	8	0	1	0	0
F27	9	9	0	0	0	0
F30	7	8	2	1	0	0
F34	9	8	0	1	0	0
M23	9	9	0	0	0	0
M25	6	8	2	1	1	0
M34	8	7	1	2	0	0
M37	1	7	8	2	0	0
C35	6	6	1	2	2	1
C50	8	9	1	0	0	0
C55	5	9	4	0	0	0
C57	1	8	4	1	4	0
<b>Total</b>						
Parcial	78	96	23	11	7	1
% (total: 108)	72,2	88,9	21,3	10,2	6,5	0,9
Geral	174		34		8	
% (total: 216)	80,5		15,8		3,7	

**Fonte: Autoria própria (2020)**

Em se tratando do total de participantes, quando comparamos passado e presente (considerando um valor bruto de 108 pontos em cada caso, no máximo), verificamos, no passado, um valor menor de resultados positivos (72,2% contra 88,9% no presente) e valores maiores de resultados negativos (6,5% contra 0,9% no

presente) e relativos (21,3% contra 10,2% no presente). Tendo em vista a história de vida como um todo (com um valor bruto de 216 pontos, no máximo), verificamos um total de 80,5% de resultados positivos, 15,8%, de resultados relativos, e apenas 3,7% de resultados negativos.

O Quadro 11 contrapõe as duas análises realizadas, a primeira com três representantes dos subgrupos de participantes e a segunda, com o total deles, como forma de investigar se a análise qualitativa inicial dá subsídios suficientes para a generalização das conclusões que gerou.

**Quadro 11 – Comparação das habilidades socioemocionais do subgrupo com o total de participantes.**

	Positivo				Relativo				Negativo			
	Passado		Presente		Passado		Presente		Passado		Passado	
	Subg	Total	Subg	Total	Subg	Total	Subg	Total	Subg	Total	Subg	Total
Total parc.	23	78	21	96	2	23	5	11	2	7	1	1
% (total: 108)	85,2%	72,2%	77,8%	88,9%	7,4%	21,3%	18,5%	10,2%	7,4%	6,5%	3,7%	0,9%
	Subgrupo		Total		Subgrupo		Total		Subgrupo		Total	
Total geral	44		174		7		34		3		8	
% (total: 216)	81,5%		80,5		13%		15,8		5,5%		3,7	

**Fonte: Aatoria própria (2020)**

A análise inicial das respostas de três representantes de cada subgrupo pode ser considerada como representativa das respostas do total de participantes, com percentagens bastante próximas principalmente quando consideramos o total de resultados positivos (81,5% e 80,5% nos casos do subgrupo e do total de participantes, respectivamente), relativos (13% e 15,8% nos casos do subgrupo e do total de participantes, respectivamente) e negativos (5,5% e 3,7% nos casos do subgrupo e do total de participantes, respectivamente).

Quanto à segunda parte da análise, no roteiro de finalização, a primeira pergunta investigou o reconhecimento de algum tipo de ajuda recebida por meio do contato com o vídeo e o primeiro roteiro de reflexão, e a segunda, se tais reflexões os

ajudaram a se conhecer melhor. Como resultado, todos os participantes responderam afirmativamente, em ambos os casos.

Quanto a ter recebido algum tipo de ajuda por meio das intervenções, seis participantes utilizaram verbos equivalentes a recordar, “relembrar” (F26), “revisitar” (F27), “despertar” (F30), “reencontrar memórias” (F34), “entrar em contato” (M25), e “voltar à infância” (C56). Ou outros seis participantes deram mais ênfase ao “refletir” (M23; C35; C50; C55; M34, refletir e também lembrar detalhes esquecidos; M37, refletir e também e identificar o que permanece).

Todos os participantes relataram avanços no autoconhecimento por meio das recordações e reflexões, nos seguintes sentidos: a lembrança de experiências passadas permitiu a F34 o contato com questionamentos que precisam gerar novas elaborações, a M25, valorizar novos aspectos pessoais, destacando o contato com a “criança que ainda habita em mim” e a C56, perceber no que ela pode melhorar; a lembrança de momentos prazerosos permitiu, a F26, a compreensão de comportamentos atuais que derivam de experiências da infância; a lembrança de experiências boas permitiu a F27 a compreensão de por que somos o que somos; a lembrança de perdas permitiu a F30 a compreensão de esquivas atuais que podem ser superadas; as reflexões permitiram a M23 acessar aspectos da existência nunca antes observados, a M34, que se percebesse melhor diante da própria história e identificasse as mudanças ocorridas, a M37, que se percebesse melhor diante da própria história e identificasse o que permanece; a C35, um maior entendimento de medos e inseguranças atuais; a C50, o acesso a lembranças agradáveis de atividades que poderia voltar a realizar; e a C55, lembranças agradáveis como fonte de revisão das circunstâncias atuais de vida.

# Considerações finais

Oportunidade de reflexão mediada pela internet e vivenciada a partir de contato social indireto gera efeitos positivos no autoconhecimento. Essa constatação, ainda que baseada nas experiências de apenas doze participantes deste estudo, responde positivamente nossa pergunta de pesquisa e confirma a hipótese dela derivada.

Contato social costuma ser compreendido como interação presencial ou mesmo mediada pela internet. Por outro lado, o contato com um livro ou filme, por exemplo, também permite reflexões e tomada de consciência. Entre uma e outra possibilidade, nos valem de um procedimento em que vídeo e perguntas foram entregues aos participantes, ampliando a noção de contato com o texto e com as imagens a uma interação verbal indireta com a pesquisadora, ao que se somou o espaço para organização de pensamentos por meio da escrita. Acima de tudo, as respostas aos roteiros correspondem a uma escrita de si que, conforme Benjamin (1994), reflete a forma como historicamente interagimos com o outro e nos faz pensar na tríade “língua, discurso e sociedade”. Portanto, compartilhamos a premissa segundo a qual escrever é uma maneira segura de acessar emoções e deixar aflorar a criatividade.

Os participantes escreveram para si próprios, mas também para a pesquisadora, leitora de suas respostas e responsável por manter o anonimato dos relatos. O retorno a eles dos resultados que alcançamos concretiza a perspectiva de Lejeune (2008), segundo a qual existe um certo “pacto de sinceridade” que implica que todo escritor deseja ser lido e que são os seus desejos e objetivos que norteiam o processo da obra autobiográfica. Fechamos, assim, a ideia de contato social indireto, que, afinal, também implica a possibilidade de interação direta.

Objetivamos investigar o desenvolvimento de autoconhecimento a partir do contato com uma narrativa autobiográfica e intervenções on-line favorecedoras de reflexão. Compreendemos que investigar o desenvolvimento de uma habilidade socioemocional ou capacidade humana implica a tentativa de favorecê-la, de torná-

la mais provável. Diante da construção de um procedimento para tanto, transparece também a meta de testá-lo. Em todos esses sentidos, nossos resultados são animadores, principalmente se destacarmos o papel dos sentimentos vivenciados e expressos pelos participantes, a satisfação pela oportunidade de relembrar a própria história e, assim, aprender com ela. Nomear emoções tornou-se uma forma de aproximação com o verdadeiro significado, considerando cada indivíduo em conexão com suas identidades culturais.

O distanciamento social tornou-se fundamental desde o início de 2020, com a pandemia de Covid-19, e assim consideramos que a realização de estudos de campo mediados pela internet demonstrou ser uma alternativa cuja eficiência deveria ser testada. Se o momento que o mundo vive gerou a necessidade de mudança, o papel deste estudo foi fazer essa mudança ser positiva, buscando em cada um dos participantes o melhor de si, no sentido de despertar um autoconhecimento ligado a habilidades socioemocionais positivas diante da vida.

Em outros termos, a proposta de utilizar a associação de um vídeo a espaço de reflexão guiou a construção de um procedimento que permitisse um maior contato de cada indivíduo consigo próprio por meio de perguntas que o instigariam a olhar para si e para sua história de vida de um modo positivo. Não seria o caso de refletir e construir um autoconhecimento ao acaso, que poderia até mesmo crescer associado a uma autoimagem negativa, a uma postura derrotista ou a vitimizações, mas uma busca por material interventivo que exemplificasse e sugerisse o encontro com desafios passados e presentes (e, portanto, também futuros) como forma de crescimento e fortalecimento pessoal que pode ser desdobrado em direção ao coletivo. O contato renovado com alegrias e dificuldades permitiria a produção de sentidos que perpassassem o simbólico, o político e o social.

Consideramos que as atividades de pesquisa geraram efeitos positivos sobre o autoconhecimento na medida em que as respostas dos participantes demonstraram a ocorrência de reflexões novas a partir de lembranças e de perspectivas que puderam ser atualizadas. Eles se dispuseram a compreender a experiência própria em contextos

sociais e a aprender com ela. Acima de tudo, a experiência intersubjetiva implícita ao contato com o material interventivo possibilitou situar os participantes na fronteira entre saberes distintos que compõem suas memórias ancoradas na experiência narrativa autobiográfica de Clementina Fritz, o que também nos permite refletir sobre a importância de modelos que, sendo seguidos, assumem a posição de fonte para a produção de outras historiografias em que o apoio mútuo é reconhecido também entre os que estão concretamente próximos.

Em linhas gerais, os resultados demonstram a necessidade de respeito às diferenças individuais na análise derivada da coleta de dados, ainda que deles fosse gerada uma análise quantitativa. Sendo assim, temos três perspectivas de olhar para os resultados alcançados: podemos acompanhar cada participante, individualmente, ao longo dos quadros, gráficos e comentários; podemos acompanhar três representantes, um de cada subgrupo (de homens e de mulheres sem e com queixa clínica) e com idades próximas, identificando semelhanças e diferenças entre eles; e podemos acompanhar o total de participantes, identificando semelhanças e diferenças não apenas entre eles, mas também enquanto universo do qual o grupo de representantes faz parte.

Sugerimos que estudos posteriores complementem os achados aos quais chegamos ampliando e diversificando a amostra. Também pode ser útil associar a participação em encontros dos participantes com os pesquisadores, ainda que por meio de plataformas digitais, de modo a aprofundar os impactos de trocas sociais positivas. Em suma, este estudo pretende auxiliar o desenvolvimento de outras pesquisas que compartilhem de uma perspectiva afetiva e sensível ao valor que a leitura e a escrita têm para a construção do indivíduo, sendo relacionadas aos mais variados domínios das atividades e relações humanas. Afinal, todos nós temos uma história para contar. E contar essa história é a nossa jornada.



# Referências

ALVES, C. X. Infância, brincar e memória de infância em Walter Benjamin: categorias de estudo passíveis de associação à formação e à prática docente ligada à infância no contexto contemporâneo. *Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*. UESB, Vitória da Conquista, ano XII, n.19, p.76-94, jan./jun.2018. Doi: 10.22481/aprender.v0i19.4494.

ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em:10 jun. 2019.

ASSIS, S. G.; AVANCI, J. Q. Uma bússola no labirinto: bases que formam e investigam a autoestima. In: *Labirinto de espelhos: formação da autoestima na infância e na adolescência* [online]. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2004. (Criança, Mulher e Saúde Collection), p. 25-48. Doi: 10.7476/9788575413333.

ASSIS, E. C. P.; MELO, M. B. F. Novos contornos da / na subjetividade contemporânea: os blogs e as práticas da escrita de si. *Revista Literária*. Londrina, v. 20, p. 258-268, 2018.

BAKHTIN, M. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

BANDURA, A. Exercício do arbítrio pessoal por meio do mecanismo de autoeficácia. In: R. Schwarzer (Ed.). *Autoeficácia: Controle de pensamento da ação*, 1992, p. 3-38.

BARCELLOS, S. S. Armadilha para a narrativa: estratégias narrativas em dois romances de Carlos Sussekind. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. 70. ed. São Paulo: Almedina, 2011.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLANCHOT, M. O diário íntimo e a narrativa. In: *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOSI, E. *Memórias e Sociedade. Lembranças dos velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BRANDÃO, C. R. *Nós, os humanos: do mundo à vida, da vida à cultura*. São Paulo: Cortez, 2015.

CAMPBELL, J. D; LAVALLE, L. F. Quem sou eu? O papel da confusão do autoconceito na compreensão do comportamento de pessoas com baixa autoestima. In: BAUMEISTER,

R. F. *Self-Esteem. The Plenum Series in Social/Clinical Psychology*. Springer. New York, p. 3-20, 1993. Doi:10.1007/978-1-4684-8956-9\_1.

- CAMPBELL, J. D. *et al.* Self-concept clarity: Measurement, personality correlates, and cultural boundaries. *Journal of Personality and Social Psychology*. n.70, p. 141-156, 1996. Doi: 10.1037/0022-3514.70.1.141.
- CARDOSO, T.; MARTINS, M. C. F. Escala dos Pilares de Resiliência (EPR). São Paulo: Vetor, 2013.
- COIMBRA, R. M.; MORAIS, N. A. A resiliência em questão: perspectivas teóricas, pesquisa e intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- CORCHS, F. Decompondo a resiliência. *Boletim Paradigma*, v. 6, p. 6-14, 2011.
- DARWICH, R. A.; GARCIA, M. L. G. Grupos vivenciais e permanência com sucesso na escola: conquista de direitos. *Katálysis*, v. 22, n. 3, p. 558-565. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02592019v22n3p558>.
- FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FERREIRA, M. M. Diário pessoal, autobiografia e fontes orais: a trajetória de Pierre Deffontaines. In: INTERNATIONAL ORAL HISTORY CONFERENCE, 10. 1998. Oral history challenges for the 21st century: proceedings of the X Internacional Oral History Conference Ilana Strozemberg. *et al.* (eds.). Rio de Janeiro: CPDOC/FGV/Casa Oswaldo Cruz, 1998. v. 1. p. 379-386.
- FRANKL, V. E. A vontade de sentido: Fundamentos e aplicações da logoterapia. São Paulo: Paulus, 2011.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- FREIRE, P. Educação como prática de liberdade. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- FREIRE, P. Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 2008.
- GARMEZY, N. Children in poverty: Resilience despite risk. *Psychiatry*, v. 56, p. 127-136, 1993. Doi: 10.1080/00332747.1993.11024627.
- GRAMMONT, G. Palavras cruzadas. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
- HALBWACHS, M. A Memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2017.
- HARTMANN, L. Tomazito, eu e as narrativas: “Porque estoy hablando de mi vida”. In: GONÇALVES, M. A.; MARQUES, R.; CARDOSO, V. Z. (Orgs). *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2018. JENKINS, H. *Cultura da convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. JOSSO, M. C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Paulus, 2010.
- KOMESU, F. Espaços e fronteiras da “liberdade de expressão” em blogs na internet. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 49, n. 2, p. 343-358, 2016. Doi: 10.1590/S0103-18132010000200003.
- LEJEUNE, P. O pacto autobiográfico. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

- LÉVY, P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática São Paulo: 34, 1993.
- LIMA, N. L. A escrita virtual na adolescência: os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função do romance. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Minas Gerais, Belo Horizonte.
- MACIEL, C. P. R. Literatura de testemunho: leituras comparadas de Primo Levi, Anne Frank, Immaculée Ilibagiza e Michel Laub. *Opiniões*, v. 5, n 9, p. 74-80, 2016. Doi: 10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2016.124618.
- MACIEL, K. M. S. A. Memórias de uma vida imaginária: a escrita de si em o amanuense Belmiro. *Revista Versalete*, v. 2 n. 3, jul./dez. 2014.
- MARQUES, A. Autoconhecimento, Introspecção e Memória, *Caderno CRH*, Salvador, v. 25, n. spe 02, p. 13-22, 2012. Doi: 10.1590/S0103-49792012000500002.
- MARTINEZ, M. Narrativas biográficas: o olhar testemunhal dos diários e sua relação com a prática da cidadania. *Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura*, n. 11, p. 123-140, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/43526>. Acesso em: 9 maio 2020.
- MARTINO, L. M. S. Teoria das mídias digitais – linguagens, ambientes e redes. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MASTEN, A. S. Resiliency theory and research on children and families: Past, presente and promosie. *Journal of family theory and review*, v. 10, n.1, p. 12-31, 2018. Doi: 10.1111/jftr.12255.
- MELO, A. M. R.; OLIVEIRA, M. G. “Eu, leitor de mim”: saberes narrativos “e reflexividade autobiográfica no sertão potiguar *Educar em Revista*, Curitiba, v. 36, e75656, 2020. Doi: 10.1590/0104-4060.75656.
- OLIVEIRA, M. R.; MUCELIN, P. C. Os blogs sob o olhar do historiador. In: RODRIGUES, R. R. (Org.). Possibilidades de pesquisa em história. São Paulo: Contexto, 2017.
- OLIVEIRA, C. L.; VOLPINI, J. W.; LISBOA, A. K. F. Diários: a escrita confessional de Lúcio Cardoso à luz da teoria de Philippe Lejeune. *Entrelaces*, Fortaleza, v. 2, n. 9, p. 104- 121, jan./jun. 2017.
- PAPASTERGIOU, M.; GERODIMOS, V.; ANTONIOU, P. Multimedia blogging in physical education: Effects on student knowledge and ICT self-efficacy. *Computers and Education*, v. 57, p. 1998-2010, 2011. Doi: 10.1016/j.compedu.2011.05.006.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5 n. 10, p. 200-212, 1992.
- PRADO, R. A. A.; CALDAS, M. T. Hermenêutica filosófica, fenomenologia e narrativa: percurso metodológico de uma pesquisa em psicologia clínica. *Revista Psicologias*, Pernambuco, v. 1, p. 1-25, 2015. Disponível em: <http://revistas.ufac.br/revista/index.php/psi/article/view/207>. Acesso em: outubro. 2019
- RECUERO, R. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.

- ROBERTSON, D. J. Resiliência: como blindar a sua mente e conquistar a tranquilidade para resolver qualquer adversidade. Porto Alegre: CDC, 2019.
- ROCHA, G. V. M.; INGBERMAN, Y. K.; BREUS, B. Análise da relação entre práticas parentais e o autoconceito de pré-escolares. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 13, n. 1, p. 87-106, 2011. Doi: 10.31505/rbtcc.v13i1.429.
- ROZEMBERG, *et al.* Resiliência, gênero e família na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 3, p. 673–684, 2014. Doi: 10.1590/1413-81232014193.21902013.
- RUSSEL, J. S. Resilience. *Journal of the philosophy of sport*, v. 42, n. 2, p. 159-183, 2015. Doi: 10.1080/00948705.2015.1009838.
- RUTTER, M. Resilience: some conceptual considerations. *Journal of adolescent health*, v. 14, p. 626-631. New York, 1993. Doi: 10.1016/1054-139x(93)90196-v.
- SALGUEIRO, W. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap). *Matraga – estudos linguístico e literário*, v. 19, n. 31, jul./dez, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22610/16155>. Acesso em: 22 maio 2021.
- SANTAELLA, L. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2016.
- SERPA JÚNIOR., O. D. *et al.* Escrita, memória e cuidado – testemunhos de trabalhadores de saúde na pandemia. *Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 23, n. 3, p.620-645, 2020. Doi: 10.1590/1415-4714.2020v23n3p620.10.
- SILVA, C. B. Narrativas digitais sobre os exames de admissão ao ginásio: ego-documentos e cultura escrita na história do tempo presente. *Revista Tempo e Argumento*, v. 7, n. 15, p. 5-41, dez. 2015. Doi: 10.5965/2175180307152015005.
- SILVA, K. C. Autobiografia x escrita de si. *Revista Letras Raras*, v. 7, n. 1, 2018. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/download/985/588>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- SILVA, M. M. Histórias de vida e memórias literárias: uma narrativa sobre a prática. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo.
- SKINNER, B. F. *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- SKINNER, B. F. *Verbal Behavior*. Cambridge, MA: B. F. Skinner Foundation, 1957.
- SOUZA, A. S.; ABREU-RODRIGUES, J. Autoconhecimento: contribuições da pesquisa básica. *Psicol. estud. Maringá*, v. 12, n. 1, pág. 141-150, abril de 2007. Doi: 10.1590/S1413-73722007000100017.
- SUPER, D. E. Self-concepts in vocational development. In: SUPER, D. E. *et al.* (Org.). *Career development: Self concept theory*. New York: College Entrance Examination Board – Columbia University, 1963.

TEIXEIRA, M. A. P.; GOMES, W. B. Decisão de Carreira entre Estudantes em Fim de Curso Universitário. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, São Paulo, SP, v. 21, n. 3, p. 327-334, 2005.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo, Cortez, 2011.

YUNES, M. A. M.; FERNANDES, G.; WESCHENFELDER, G. V. Intervenções

psicoeducacionais positivas para promoção de resiliência: o profissional da educação como tutor de desenvolvimento. *Educação*, v. 41, n. 1, p. 83-92. Doi: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2018.1.29766>.

# Apêndices

## Apêndice 1 - Roteiro de reflexão



Seção 1 de 3

### Memórias de Clementina

Nome

Turma

Data de nascimento

Profissão / ocupação (emprego, estágio, curso anterior)

Estado civil

Número de filhos

#### Infância

1. No prefácio do diário de Clementina, Walquiria Marcelina de Almeida escreveu que "a nobreza de um ser humano pode ser refletida nas suas atitudes. Quando a história é registrada ou escrita, o tempo não a apaga facilmente". Você escreve ou já escreveu um diário? Se sim, como você se sente guardando as suas memórias? Se não, gostaria de tentar? Em qualquer caso, comente.





Salinas, uma cidade a beira-mar onde meus avós tinham casa e que muito amei, pois lá passei as melhores épocas de minha vida.

Nossa casa ficava à beira da praia. De minha cama ao amanhecer ouvia o quebrar das ondas na beira.

Passeava pela praia, e em cima das belíssimas dunas ficava uma planta que dava frutinha vermelha, doce, chamada ajiru. Era muito gostosa, era uma empolgação colhê-la.

Os banhos de mar com suas águas mornas, pois no Norte a água do mar é morna, me fazia sentir como um peixe, tal a afinidade que tinha com as águas.



2. Quais as lembranças mais fortes que você tem da sua infância? Quais lugares permanecem ainda muito presentes na sua memória?

Outra entre inúmeras que fazíamos: íamos a uma fonte chamada Caranã. O povo dizia que suas águas eram medicinais. Acordávamos bem cedo para trazermos água para bebermos e colocar na geladeira, mas descobrimos outra fonte onde havia uma mangueira carregada de mangas. Resolvemos enganar nossa avó e levamos água da outra fonte para comermos manga verde com sal. Para nós era uma curtição.

Esmeralda, que foi bem novinha morar com minha avó, hoje está com 67 anos. A considero uma irmã querida, pois, com a morte de minha avó, nunca se separou de nós.

3. Na sua infância, você conviveu de perto com outras crianças e fazia travessuras como a Clementina? E seus pais eram mais de conversar e aconselhar ou partiam logo para os "corretivos"? Você considera que eles lhe passaram valores importantes para a sua vida?

Meu tio e padrinho Lauro era muito paciente comigo e com seus filhos.

Numa ocasião demos o prego de carro na estrada e ficamos lá até o dia amanhecer. Eu chorava à noite com medo dos gritos que vinham da mata, dos bichos lá existentes, e ele me consolava.

4. Você lembra de uma situação em que se sentiu mal e foi ajudado e consolado? Você diria que foi uma criança compreendida em suas dificuldades?

Um velhinho,  
que foi o  
primeiro  
pescador de  
Salinas, eu  
adorava ouvir  
suas histórias de  
suas pescarias...  
O mesmo,  
coitado, tinha  
uma ferida na  
perna que nunca  
cicatrizava.



Eu, com apenas oito anos, deixava meus avós dormirem após o almoço e fugia para a casa do velhinho. Chegando lá, levava uma pomada que eu sabia ser cicatrizante, lavava a perna do velhinho e passava a pomada.

5. Você lembra de ter ajudado alguém quando era criança? Você se sentia forte, mesmo sendo ainda pequeno?

Minha professora Julieta, que também marcou muito a minha infância, pois estudei no único colégio que havia na época. Atualmente a minha professora está com 82 anos, creio eu. Teria muita vontade de revê-la.

6. Você lembra de uma professora que foi marcante para você na sua infância? Você fazia amigos com mais facilidade na época da escola, agora ou isso é algo que permanece igual?



Julieta ensinou-me uma poesia para recitar para o Governador Magalhães Barata. Lembro-me como se fosse hoje - eu, com um lindo vestido branco de organdi esvoaçante e com um laço em meus cabelos, o Barata em frente a mim, atento, com seu paletó branco, seu chapéu de campanha e sapatos brancos, como ele costumava usar.

Quando terminei, fui muito aplaudida por ser muito desembaraçada e levar muito jeito para declamar. Fiquei muito feliz e convencida.



7. Você lembra de alguma ocasião em que superou algum medo ou mesmo a sensação de timidez? Pode ter sido quando precisou participar de uma peça de teatro na escola ou de um coral na igreja ou de um grupo de dança ou mesmo de uma atividade artística ou esportiva - qualquer situação, enfim, em que você viu uma dificuldade como uma oportunidade de crescimento

Entre os amigos de meu avô existia um chamado Olivio Chaves, era o mais moço entre os coroaos. Ele brincava comigo, me chamando de sua noiva. Só que eu, com 7 anos, achava que ele era meu noivo. Imagina... Levei a sério!

Um belo dia, chega ele em Salinas, casado, para passar sua lua de mel. Quando soube, fui esconder-me em um lugar solitário que era só meu, e pus-me a chorar por horas e horas.

Minha avó e a empregada aflitas a me procurar, até que a empregada achou-me e eu falei que estava com uma dor. Jamais minha avó poderia pensar que fosse paixão de uma fedelha de apenas 7 anos. Foi minha primeira paixão.

8. Você teve uma grande paixão na sua infância? Pode ser também um idolo, ator, cantor... De qualquer forma, você acha que a sua imaginação é um apoio que você traz com você e que lhe ajuda a realizar seus objetivos?



Fui para Salinas com meus avós para deixar de mamar, pois mamei até os 3 anos. Fui deportada, pois não quis mais deixar meus avós e eles não quiseram abrir mão de mim, mas, apesar de amá-los muito, amava meus pais e ficava dividida. Já moça feita voltei a conviver mais com meus pais, mas estava sempre dividida.

9. Antigamente era comum uma criança ser criada pelos avós, passando um tempo na casa delas e um tempo na casa dos pais, como aconteceu com Clementina. Você acha que já na sua infância você se sentia seguro e confiante quando se afastava da sua casa, por exemplo, para passar férias com outros familiares ou amigos?



Às vezes, por algum motivo tinha que vir a Belém e deixava meus avós saudosos. Meu avô era muito emotivo e o ouvi chorar muitas vezes com nossa separação.

10. Clementina reconhece o amor de seus avós pelos cuidados que recebia e pela falta que lhes fazia quando ia para Belém. Como você reconhece que é amado? Você consegue perceber quando alguém precisa que você demonstre mais claramente o seu amor ou a sua amizade?



11. Clementina disse que em todo adulto há um pouco de uma criança. Como é a criança que vive em você?

12. Clementina nos faz sorrir com pequenos trechos de sua vida. Você sabe se fazer sorrir? Como é a voz que você usa para falar com você?

## Juventude

Depois chegou a fase de menina-moça. Imagina... apaixonei-me por um prático da barra. Era uma paixão secreta, ficava com o binóculo do meu avô a olhar o mar para ver se vinham navios e o traziam. Foi a minha segunda paixão.



13. Ainda em Salinas, Clementina segue com suas aventuras cotidianas. Algumas coisas secretas são reveladas, como essas paixões. Você já revelou um segredo e sentiu a sua confiança traído? Nessa situação ou em outra que você considerou difícil, você conseguiu lidar bem com as suas emoções, sem "explodir", por exemplo?



A Salinas poética, simples, da juventude feliz, sem drogas, sem vícios e sem violência, já não existe hoje. Os tempos mudaram, a juventude tem outra cabeça e Salinas, é outra Salinas.

14. Drogas já existiam na época de Clementina, embora não na vida dela. Mas fica a pergunta: será que a juventude hoje é feliz? Às vezes a gente vê uma situação na nossa perspectiva apenas. Isso acontece muito com você?





15. Música ajuda você a sair de momentos de tristeza e desânimo? O que costuma lhe dar novas forças diante de dificuldades?



16. Se você imagina a cidadezinha onde Clementina morava, com "apagão" às 22h, você acha que gostaria de ter esse tipo de experiência? Clementina reconhece poesia e alegria na simplicidade da vida. O que você pensa sobre isso?

O nosso passeio favorito era ir à praia do Atalaia. Saíamos ao amanhecer e voltávamos ao cair da tarde. Era gratificante, pois a praia era belíssima, sua areia mais parecia uma farinha de trigo tal a alvura e muito fina. Na época não havia estrada; iam de barco. Era uma praia virgem. Meu avô foi um dos primeiros veranistas a construir casa; junto a ele outros veranistas, portugueses como ele, e empresários na capital: Sr. João Gouveia, Sr. Videira, Sr. Folhas, Sr. Marinho e Sr. João Rodrigues.



17. Qual é o seu passeio favorito? A maioria dos passeios você faz na sua cabeça ou fora dela?

18. Você acha que as coisas evoluíram para melhor? O que você acha que poderia ser feito para o mundo se tornar um lugar melhor para todos nós, seres humanos e toda a natureza? Você acredita que pode ajudar para que essas mudanças boas aconteçam?

Muito obrigada por ter participado conosco dessas reflexões. Esperamos que tenha gostado!

## Apêndice 2 - Roteiro de reflexão



Nome  
Turma  
Data de nascimento  
Profissão / ocupação (emprego, estágio, curso anterior)  
Estado civil  
Número de filhos

Refletir sobre as perguntas presentes no roteiro sobre as memórias de Clementina ajudou você de alguma forma? Você acha que, com essas reflexões, você passou a se conhecer melhor? Comente.

## Apêndice 3

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

#### **“MEMÓRIAS DE CLEMENTINA: NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA E RESILIÊNCIA EM PESQUISA DE CAMPO MEDIADA PELA INTERNET”**

*Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário do projeto de pesquisa acima citado, desenvolvido a partir do projeto guarda-chuva intitulado “Poesia no Dia a Dia: Grupos Vivenciais e Resiliência”. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração nesta pesquisa será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará qualquer prejuízo a você. Fique ciente que não receberá remuneração ou qualquer tipo de recompensa no decorrer da pesquisa, sendo sua participação voluntária.*

Esta pesquisa objetiva promover a construção de resiliência por meio da participação em grupos vivenciais ou em pesquisa mediada pela internet. Os encontros devem proporcionar compartilhamento de ideias em rodas de conversa,

com dinâmicas de grupo e leituras conjuntas, daí sendo derivados os dados coletados de cada participantes e de cada grupo. No caso de utilização da internet, a coleta de dados é fundamentada principalmente de modo individual.

Contamos com os seguintes locais de coleta de dados, ou seja, de formação de grupos vivenciais: a clínica-escola de psicologia da UNAMA (CLIPSI), escolas e outros espaços comunitários.

O período previsto para a coleta de dados inicia em março de 2020 e finaliza em março de 2022. No entanto, é esperado que cada grupo vivencial seja formado ao longo de um único semestre, por meio da realização de dez encontros semanais por cerca de dez participantes na presença de quatro estudantes pesquisadores que assumem função de coordenação e de apoio. Características compartilhadas pelos participantes, como faixa etária, gênero, local de estudo ou de encontro na comunidade, assim como áreas de interesse sustentam encontros de pares e, assim, grupos vivenciais.

Enquanto instrumentos de coleta, lançamos mão de escalas padronizadas e Formulários Google. Nas dinâmicas de grupo, a cada encontro, material de leitura e para escrita, desenhos e pinturas são disponibilizados aos participantes. O conjunto de instrumentos nos permite analisar relações entre os procedimentos utilizados e mudanças pessoais.

O tipo de dado a ser coletado é de ordem subjetiva, referente a sentimentos e maneiras de pensar, mas se reflete em ações que podem ser reconhecidas e avaliadas. É o caso de habilidades sociais, culminando em resiliência, e de habilidades acadêmicas, com ênfase no prazer em ler como base para a permanência na escola por parte dos próprios participantes ou de seus filhos ou alunos, conforme o caso.

**Você deve estar ciente:**

I. Participar deste projeto não submete você a um tratamento de qualquer ordem ou natureza, bem como não lhe causará qualquer gasto com relação aos procedimentos adotados.



## **São direitos seus:**

I. Responder ou não as perguntas contidas nos instrumentos de coleta dos dados da pesquisa;

II. Desistir ou interromper a colaboração na pesquisa no momento que desejar, sem necessidade de qualquer explicação, sem penalização alguma e sem prejuízo à sua saúde ou bem-estar físico;

III. Indenização por danos decorrentes da participação na pesquisa está prevista no item 2.7 da Resolução CNS 466/12 e é referente à cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa.

IV. Garantia de ressarcimento, prevista no item 2.21 da Resolução CNS 466/12, implica compensação material exclusivamente referente a despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação;

V. Benefícios: (a) em curto prazo, aquisição de repertório mais elaborado de habilidades sociais por meio do contato dos participantes com trocas interpessoais não coercitivas; (b) em médio prazo, mas ainda ao longo dos encontros, aquisição de postura resiliente e, complementarmente, de prazer em ler, imprescindíveis em todas as idades; e (c) em longo prazo e, portanto, para além dos limites temporais de implementação da pesquisa, aprofundamento das habilidades adquiridas por meio das vivências particulares de vida, com multiplicação de relações não coercitivas a partir de iniciativa própria.

Aos participantes serão disponibilizadas informações correspondentes aos resultados da pesquisa, bem como detalhamentos acerca dos procedimentos adotados, favorecendo avaliações pessoais e críticas que representem aprofundamento no reconhecimento do papel de cada um nas trocas sociais estabelecidas e, assim, também no autoconhecimento.

Em linhas gerais, os benefícios esperados perpassam pela possível contribuição para melhoria das relações sociais por meio da constituição de fatores de proteção que se considera advir da participação em um grupo vivencial. Trata-se de

aliar efeitos remediativos dos problemas formalizados ao início do processo a efeitos preventivos.

VI. Riscos: a participação na pesquisa poderá causar riscos aos participantes, como constrangimento nas abordagens, identificação dos participantes, vazamento de informações, quebra da confiabilidade e, é necessário frisar, quebra do anonimato e interferências na rotina dos participantes.

Constrangimento nas abordagens pode resultar da forma como os encontros forem conduzidos e mesmo dos temas tratados nos encontros. Para minimizar e mesmo evitar tal risco, os pesquisadores são submetidos a um curso de capacitação, organizado pelos professores responsáveis pela pesquisa. Além disso, os encontros são avaliados semanalmente, sendo o bem-estar dos participantes e dos pesquisadores continuamente objeto de reflexão. A prática de construir, nos grupos vivenciais, um ambiente social não coercitivo é, mais do que uma tentativa de prevenção de riscos, a condição principal para que os resultados previstos sejam alcançados. A identificação dos participantes, ou seja, exposição da identidade dos participantes para além dos encontros, no sentido de quebra do anonimato, é um risco que contornamos quando não os representamos por escrito por meio de seus nomes. Assim sendo, para minimizar e mesmo evitar o risco de exposição, a identidade dos participantes é mantida sob sigilo e anonimato, ocorrendo substituição de nomes por iniciais em todos os materiais de coleta de dados e, posteriormente, quando da divulgação de resultados ao público externo à pesquisa, por códigos alfanuméricos.

O vazamento de informações corresponde a mais um risco de quebra da confiabilidade. Além de comprometer a pesquisa-ação realizada, o vazamento de informações pode gerar uma má compreensão da análise completa dos dados, realizada de modo contextualizado. Tomamos extremo cuidado também no trato com as informações coletadas, minimizando e mesmo evitando o risco de vazamento por meio da utilização de armazenamento de dados em ambiente online cujo acesso depende do conhecimento de senha alterada mensalmente e compartilhada apenas entre os pesquisadores em contexto de reunião semanal.

A participação em um grupo vivencial também traz consigo o risco de interferência na rotina dos participantes. A fim de minimizar e mesmo de evitar tal risco, os grupos vivenciais são formados em escolas e espaços comunitários em horários disponibilizados pelas pessoas responsáveis pelos locais em questão, garantindo, assim, que os participantes não precisem se deslocar de suas residências para participar da pesquisa. No caso dos grupos vivenciais formados na Clínica-Escola de Psicologia da UNAMA (CLIPSI), consideramos que o deslocamento de pais e filhos corresponda a uma interferência positiva na rotina de tais participantes, que têm a oportunidade de conversar e trocar ideias durante o percurso que realizam. Participar de relações não coercitivas amplia as possibilidades de implemento de rotina mais saudável e equilibrada para todos os envolvidos.

Vale ressaltar que os participantes são esclarecidos acerca do processo a que serão submetidos, tendo o direito de interrompê-lo a qualquer momento, são informados acerca dos resultados obtidos, ainda que os dados resultantes de sua atuação sejam parciais, em caso de interrupção da participação anteriormente à finalização do processo. Além disso, encontram-se livres para propor alterações nos temas a serem tratados e poderão ser encaminhados a outros serviços, como psicoterapia individual, caso necessário.

VII. Decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública, com divulgação dos resultados da pesquisa em publicações científicas;

VIII. Ter garantida a confidencialidade das informações pessoais, assegurando sua privacidade;

IX. Se desejar, poderá, pessoalmente ou por telefone, entrar em contato com a pesquisadora responsável para tomar conhecimento dos resultados parciais e finais desta pesquisa, valendo-se dos contatos que constam ao final deste documento.

X. Se desejar, poderá também entrar em contato com o CEP ICES UNAMA através dos telefones/endereços que constam neste documento. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é a autoridade local e a porta de entrada para um projeto de

pesquisa envolvendo seres humanos. Os CEPs foram criados para defender os direitos e interesses dos participantes das pesquisas, em sua integridade e dignidade, e para contribuir com o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

XI. Receber uma via rubricada (em todas as páginas) e assinada do TCLE pelas pesquisadoras;

Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Belém, de de .

Assinatura do participante:

Walquíria Marcelina Almeida

Telefone: (91) 99999-1753

e-mail: marcelina.pedagogia@gmail.com

# Anexo

Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Poesia no Dia a Dia: Grupos Vivenciais e Resiliência

**Pesquisador:** Rosângela Araújo Darwich

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 24782619.9.0000.5173

**Instituição Proponente:** INSTITUTO CAMPINENSE DE ENSINO SUPERIOR LTDA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.777.809

---

## Sobre a Autora

### Walquíria Marcelina de Almeida

Mestra em Comunicação, Linguagem e Cultura Pelo Programa Ppgclc pela universidade da Amazônia - UNAMA (2021); Graduada em Ciência da Educação-Pedagogia pela Universidade da Amazônia-UNAMA(2004);Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Estadual do Pará-UEPA(2005); Especialista em Pedagogia Hospitalar FIBRA(2015); Especialista em Gerontologia Educacional e Saúde Mental FIBRA (2017);neuroscopopedagogia com ênfase na neuroscopopedagogia (em curso), Atua como participante da pesquisa do diretório do CNPq dentro do grupos vivenciais pela universidade da Amazônia(2019 a 2026); Desenvolve pesquisas em periódicos nas temáticas de formação de professores; dificuldade de aprendizagem de crianças e idosos.

# Índice Remissivo

## A

abordagem 37  
análise 5, 15, 18, 21, 27, 40, 41, 43, 45, 51, 53, 54, 56, 59, 60, 64, 82  
análises 39, 40  
aprendizagem 14, 23, 30, 46  
arte 27, 65  
autobiográfica 2, 17, 18, 20, 21, 26, 62, 64, 67, 79  
autobiográficos 15, 27  
autoconfiança 25, 41, 49, 50, 51, 52, 55, 57  
autoconhecimento 2, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 25, 26, 29, 33, 36, 37, 39, 40, 48, 52, 58, 61, 62, 63, 81  
autocontrole 21, 25  
autoeficácia 13, 25, 41, 48, 49, 55, 65  
autoestima 12, 15, 25, 41, 47, 65  
autoidentidade 12

## B

bom humor 25, 41, 45, 50, 51, 52, 57

## C

comunicação 18, 22, 26, 28, 40  
conflitos 26  
conscientização 13  
contemporânea 22, 23, 65  
criatividade 45, 48, 62

## D

desenvolvimento 12, 15, 16, 17, 18, 20, 25, 47, 62, 64, 69, 84  
diários 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 43, 67  
direção 21, 24, 55, 63  
direta 17, 28, 47, 55, 58, 62  
discurso 13, 62  
diversidade 27  
dor 25, 26, 35

## E

educação 13, 14, 69  
emoções 19, 26, 28, 45, 59, 62, 63  
empatia 25, 41, 44, 47, 49, 55, 57  
escrever 14, 15, 19, 20, 21, 59, 62  
experiência 14, 20, 24, 27, 32, 33, 45, 48, 63, 64  
experiências 14, 21, 22, 25, 27, 32, 33, 36, 39, 58, 61, 62

## H

habilidade 41, 47, 54, 62

habilidades 12, 13, 17, 25, 40, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 63, 80, 81

hábitos 14

história 13, 14, 16, 18, 27, 29, 34, 35, 36, 53, 58, 60, 61, 63, 64, 65, 67, 68

histórias 14, 16, 17, 18, 21, 27, 28, 33, 43, 49

homogeneidade 40

## I

imaginação 17, 33, 45, 48

infância 29, 31, 32, 33, 36, 39, 43, 45, 50, 51, 52, 57, 58, 59, 61, 65

instituição 46

interação 13, 21, 62

## J

juventude 33, 36

## L

leitura 14, 18, 20, 39, 40, 64, 80

lembranças 19, 27, 31, 39, 58, 61, 63

língua 62

linguagem 12, 13, 20, 22, 23, 27

literária 13, 14

literário 19, 68

## M

memória 14, 17, 18, 19, 21, 27, 28, 30, 32, 33, 36, 58, 65, 68

memórias 14, 17, 18, 19, 20, 27, 28, 29, 30, 35, 39, 58, 59, 61, 64, 68

memória social 21

mediática 22

## N

narradora 29, 36

narrativa 2, 16, 17, 18, 22, 27, 28, 30, 62, 64, 65, 67, 68, 79

narrativas 16, 17, 18, 19, 22, 29, 33, 65, 66

## P

passado 14, 15, 22, 23, 28, 29, 31, 36, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59



político 29, 63  
preconceitos 25  
processo 13, 14, 16, 20, 21, 24, 27, 30, 36, 58, 62, 82, 83  
pública 21, 83

## R

recordar 21, 36, 61  
reflexão 13, 17, 18, 19, 20, 22, 25, 29, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 48, 49, 52, 54, 55, 57, 58, 60, 62, 63, 70, 79, 82  
reflexões 18, 27, 29, 33, 39, 53, 58, 60, 61, 62, 63  
relações sociais 12, 24, 43, 81  
representatividade 40  
resiliência 12, 15, 16, 17, 24, 25, 26, 32, 40, 66, 69, 79, 80  
resolução de problemas 25  
roteiro 39, 40, 42, 43, 45, 52, 58, 60

## S

sistema 5  
sociabilidade 25, 41, 46, 49, 50, 52, 55, 57  
sociais 12, 13, 14, 17, 20, 22, 23, 24, 27, 28, 43, 45, 46, 64, 67, 80, 81  
social 12, 13, 14, 17, 18, 21, 27, 41, 46, 47, 48, 49, 52, 62, 63, 67, 82  
sociedade 21, 23, 43, 51, 62  
socioemocionais 12, 17, 25, 40, 43, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 60, 63  
superação 15, 25, 48

## T

tempo 13, 14, 15, 19, 23, 27, 31, 32, 34, 36, 37, 39, 43, 50, 53, 58, 68  
trocas sociais 13, 14, 20, 23, 27, 28, 64, 81

## V

violências 25  
vivências 14, 15, 26, 28, 36, 45, 81



